O Apogeu dos Delírios de René Guénon em “O Rei do Mundo”

Octavio da Cunha Botelho



Maio/2022

RESUMO

Este estudo analisa parte da obra de René Guénon (1886-1951), um esoterista francês e comparatista compulsivo, detentor de uma erudição considerável, por isso impressionou os leigos e os leitores razoavelmente informados com seus escritos. Entretanto, quando examinada mais cuidadosamente, a sua erudição foi construída sobre as bases de incontáveis crenças metafísicas e religiosas, algumas bem fantasiosas, as quais ele denominou em seu conjunto por “Ciência Sagrada” e por outros termos exaltantes, de tal modo que a sua erudição está na mesma proporção da sua credulidade, ou seja, a sua ingenuidade foi tão grande quanto o seu vasto conhecimento metafísico, pois para ele, tudo o que é metafísico é mais real do que o que é físico, e se for simbólico, é mais significativo do que aquilo que é literal, tal como o estudo seguinte tentará mostrar.

PALAVRAS-CHAVE: René Guénon, Tradicionalismo, Rei do Mundo, Agartha, Tradição Primordial.

ABSTRACT

This study analyses part of the work of René Guénon (1886-1951), a French esoterist and compulsive comparatist, possessor of a considerable erudition, so he impressed laymen and reasonably informed readers with his writings. However, when examined more carefully, his scholarship was built on the foundations of countless metaphysical and religious beliefs, some quite fanciful, which he collectively termed "Sacred Science" and other exalting terms, so that his erudition is in the same proportion of his credulity, that is, his naivety was as great as his vast metaphysical knowledge, because for him, everything that is metaphysical is more real than what is physical, and if it is symbolic, it is more significant than what is literal, as the following study will try to show.

KEYWORDS: René Guénon, Traditionalism, King of the World, Agartha, Primordial Tradition.

Introdução

Muitos são aqueles que pensam que erudição e boa retórica são sinais em um autor de que este está transmitindo um conhecimento seguro e confiável, pois que ele é um sábio, então suas ideias são verídicas em razão da sua vasta erudição e da sua impressionante retórica. Entretanto, esta pode ser uma avaliação enganosa, pois erudição não é sinônimo de domínio sobre um assunto, alguém pode conhecer um tema, mas não significa automaticamente que tenha domínio sobre o mesmo, tampouco retórica é sinal de conhecimento confiável, a forma de escrever ou falar pode ser convincente, na sua expressividade, mas a ideia por trás da retórica pode ser imprecisa ou inverificável na hora da sua comprovação. Erudição abundante e retórica influente impressionam apenas os leitores ou ouvintes desinformados, os quais precisam confiar nas informações transmitidas, pois não possuem conhecimentos aprofundados para julgar o que leem ou o que ouvem.

Este é um exemplo, entre tantos outros no mundo esotérico e religioso, de René Guénon (1886-1951), um esoterista francês e comparatista compulsivo detentor de uma erudição considerável, por isso impressionou os leigos e os leitores razoavelmente informados com seus

escritos. Entretanto, quando examinada mais cuidadosamente, a sua erudição foi construída sobre as bases de incontáveis crenças metafísicas e religiosas, algumas bem fantasiosas, as quais ele denominou em seu conjunto por “Ciência Sagrada” e por outros termos exaltantes, de tal modo que a sua erudição está na mesma proporção da sua credulidade, ou seja, a sua ingenuidade foi tão grande quanto o seu vasto conhecimento metafísico, pois para ele, tudo o que é metafísico é mais real do que o que é físico, e se for simbólico, é mais significativo do que aquilo que é literal, tal como o estudo seguinte tentará mostrar. Por isso, muitos dos seus seguidores se tornaram muçulmanos (Dickson, 2021: 589). Sua credulidade foi tamanha, que nos leva a desconfiar da sua sanidade mental, pois ele chegou ao ponto de acreditar que tomou contato com um mestre templário falecido há cerca de 600 anos. “Durante uma séance em 1908, Guénon acreditou que Jacques de Molay (1243-1314 e. c.), o último Grande Mestre dos Cavaleiros Templários, o contatou com instruções para reestabelecer a Ordem do Templo, suprindo-o com direta fonte de iniciação” (Dickson, 2021: 592; ver também: Sedgwick, 2004: 49). Após este evento, Encausse (Papus) expulsou Guénon da sua ordem maçônica.

Ele escreveu muito, cerca de 30 livros, se forem incluídos os livros publicados que reuniam

os artigos escritos para revistas em diferentes épocas da sua vida. Ele já foi um autor bem mais lido no passado, agora é um autor mais esquecido, tendo ainda algumas influências em poucos indivíduos conservadores da atualidade. A principal prova de que seus escritos fascinam mais os leigos do que convencem os especialistas foi a reprovação da sua tese de doutorado, na universidade de Sorbonne, rejeitada pelo então importante indólogo e professor Sylvain Lévi (1863-1935), em 1921 (Sedgwick, 2004: 22-3 e 271). Mesmo com a rejeição acadêmica da sua tese, ele logo em seguida aceitou publicá-la, através de uma editora católica, com o título de *Introduction Générale à L'édude des Doctrines Hindoues* (Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus), 1921, este foi o seu primeiro livro publicado (Guénon, 1921). Em razão da sua erudição questionável e das suas comparações fantásticas de doutrinas e de símbolos, as suas teorias metafísicas e comparativas nunca foram aceitas no meio acadêmico, por isso ele não é citado por razões que serão esclarecidas em seguida.

Sylvain Lévi justificou a reprovação da tese de Guénon em três motivos:

Primeiro: ela fez pouco caso da história e da crítica histórica, uma crítica da metodologia de Guénon que foi de muitas maneiras justificada. Guénon não pretendeu seguir o padrão dos

métodos acadêmicos de Indologia, (...) sua abordagem foi teológica mais do que antropológica ou sociológica. Para Guénon, o Hinduísmo era um recipiente de verdade espiritual, não um corpo de crenças e práticas modificadas com o tempo que a pesquisa ocidental tardia do século dezenove reconheceu" (Sedgwick, 2004: 22-3 e 271). De fato, o seu ímpeto era às vezes tão forte que, em algumas passagens mais exaltadas, alguns trechos do livro *Introduction Générale à L'édude des Doctrines Hindoues* parecem mais uma pregação religiosa do que uma tese acadêmica.

Segundo: "a 'tese' de Guénon sustentou que o Hinduísmo poderia ser reduzido à Vedānta. Vedānta é apenas uma das seis Darshanas (Escolas Filosóficas) do Hinduísmo, e utiliza-se especialmente dos Upanishads como o fim e o resumo dos Vedas, as mais importantes escrituras hindus, juntamente com o Bhagavad Gītā e os Brahma Sūtras. Estes estão entre os primeiros textos hindus a serem traduzidos para o francês e a Vedānta tornou-se amplamente conhecida como um resultado da inclusão de dois capítulos do Bhagavad Gītā no Cours de Philosophie (Curso de Filosofia), 1828, do popular filósofo francês Victor Cousin. A Vedānta foi amplamente apreciada no Ocidente do século dezenove, principalmente porque ela não reconhecia outra realidade exceto o Ser Universal, único e sem qualificação limitante,

uma característica com óbvio apelo para aqueles educados em uma cultura monoteísta. Para Lévi e outros indólogos, contudo, existem muitas variedades de Hinduísmo diferentes da Vedānta, que Guénon escolheu ignorar estas (outras variedades) foi uma consequência do contexto no qual ele tinha encontrado primeiro a Vedānta" (Idem, 23).

Terceiro: "Lévi observou que Guénon estava muito inclinado a acreditar em uma transmissão mística de uma verdade primordial (une vérité première) que surgiu na humanidade nos primeiros tempos do mundo, uma crença que para Lévi era evidentemente ridícula" (Idem, 23). O estudo seguinte mostrará como esta crença de Guénon, em uma transmissão inalterada de uma verdade primordial até os dias de hoje, é difícil de ser sustentada, diante das conclusões dos estudos históricos, com base em documentos, tanto mesmo na época de Guénon, quando, ainda mais, nos estudos seguintes após sua morte. Mesmo na época de Sylvain Lévi e de René Guénon, já existiam resultados suficientes de pesquisas históricas e literárias, que apontavam as alterações nas transmissões orais e escritas dos textos hindus do passado e, consequentemente, comprovavam a infidelidade da transmissão tradicional, por isso Lévi chamou a tese de Guémon de "ridícula".

Mark Sedgwick observou que "todos os pesquisadores não-tradicionalistas que olharam para o Tradicionalismo, desde quando o professor Sylvain Lévi rejeitou a tese de Guénon, em 1921, têm chegado a mesma conclusão: estas pessoas não são sérias. Elas ignoram a história, e ignoram tudo que não encaixa em suas teorias. Nas palavras de Antoine Faivre: o Tradicionalismo des-historiza e des-espacializa seus predicados ontológicos. Sua propensão de buscar tudo por similaridades na esperança de finalmente encontrar uma Unidade hipotética é evidentemente prejudicial à pesquisa crítico-histórica, isto é, à pesquisa empírica, a qual é mais interessada em revelar a origem, o curso, as mudanças e as migrações dos fenômenos que ela estuda. Tal como Faivre reconhece: aqueles que partem para conhecer a 'verdade' são improváveis de reconhecer algo inesperado que eles encontram no caminho" (Sedgwick, 2004: 271). Por sua vez, em uma edição mais tardia, Guénon criticou o método histórico e a crítica textual em *Introduction to the Study of the Hindu Doctrines* (Guénon, 1945: 18-20), certamente motivado pelas justificativas de S. Lévi para reprovar a sua tese.

A reprovação da sua tese foi um golpe na sua carreira acadêmica. Mark Sedgwick observou o seguinte sobre o destino de Guénon após esta infelicidade: "Após a recusa de sua tese por Lévi,

contudo, Guénon teve de abandonar todas as esperanças de uma regular carreira acadêmica, o Instituto Católico foi então o único fórum que restou para ele. Os amigos de Guénon lhe ajudaram a conseguir um emprego como professor de filosofia (...). A aliança entre o Instituto Católico e Guénon não pôde durar muito tempo" (Sedgwick, 2004: 30), em virtude das diferenças ideológicas. Então, além de ter a sua tese reprovada, Guénon permaneceu como um desempregado, o qual precisou da ajuda dos amigos católicos para conseguir um trabalho, tão longe da brilhante carreira daqueles acadêmicos bem sucedidos que são aprovados em concursos nas universidades. As suas biografias não mencionam, no entanto, tudo indica que René Guénon era uma estudante inflexível e teimoso, uma vez que, durante o doutorado, as chances do doutorando de alterar os argumentos da sua tese, com a ajuda do orientador, a fim de obter aprovação, são muitas. No entanto, ele não aceitou fazer as alterações necessárias, com isso sua tese foi considerada "ridícula".

Parece que a reprovação da sua tese marcou um ressentimento na sua vida posterior, pois, uma vez ou outra, nas suas obras subsequentes, ele aproveitou sempre para criticar os orientalistas e os pesquisadores que não reconhecem o tradicionalismo como prioridade. Veja uma de suas críticas à mentalidade

evolucionista: “Entre os enganos especificadamente modernos que nós temos frequentemente tido a ocasião de denunciar, um que é mais diretamente oposto a toda verdadeira compreensão das doutrinas tradicionais é o que se pode denominar de ‘historicismo’ que, ainda mais, é basicamente nada mais que uma simples consequência da mentalidade ‘evolucionista’. Ela consiste, com efeito, em supor que todas as coisas tem originado na mais crua e rudimentar maneira, para subsequentemente sofrer uma elaboração progressiva” (Guénon, 2002: 72). Obvio que não lhe agradava o ‘historicismo’, pois este é capaz de apontar o alto grau e a enorme quantidade de anacronismos nas suas especulações. Enfim, o método histórico triunfou, pois desde a formação inicial dos cursos de religiões nas universidade pelo mundo afora, o método histórico foi adotado e é utilizado até hoje, o método tradicionalista de Guénon foi ignorado, com isso ele é hoje considerado um pária no meio acadêmico. Concluindo, René Guénon foi um acadêmico frustrado, o qual então partiu para escrever conforme suas interpretações pessoais e persuadir os leitores pouco informados. Em suas publicações posteriores, ele aproveitou para criticar e desacreditar o leitor sobre os estudos acadêmicos.

Sua Vida

Seu nome completo era René Jean-Marie Joseph Guénon (1886-1951), após os anos 1939, depois de seu interesse pelo Sufismo, adotou o nome árabe de Abd al-Wahid Yahya, quando se mudou para a cidade do Cairo, no Egito, em 1930, local onde residiu até a sua morte em 1951, aos 64 anos de idade. Sua biografia mais citada é a escrita por Paul Chacornac, editor da revista Le Voile d'Isis (O Véu de Isis), depois denominada Les Études Traditionnelles (Os Estudos Tradicionais), a qual publicou muitos artigos de Guénon, com o título de La Vie Simple de René Guénon (A Vida Simples de René Guénon), primeira edição em 1958. Entretanto, tal como será mostrada mais adiante, a sua vida não foi tão simples assim.

Ele nasceu em 15 de novembro de 1886, em Blois, na França, filho de família católica com ancestrais instalados há anos naquela região. "Desde seu nascimento, René Guénon foi uma pessoa de saúde frágil (...) seu estado de saúde foi sempre delicado. Antes dele, sua mãe já tinha perdido uma filha de três anos" (Chacornac, 1958: 18). Problema que o prejudicou nos estudos, tendo até que abandonar cursos em função da saúde precária. "Sua infância causou muitas preocupações aos seus pais, por causa da sua saúde delicada" (Idem, 20). Sua saúde era tão

fraca que, em 1906, ele foi dispensado do recrutamento militar. Durante seus estudos, na sua cidade natal, Blois, Guénon foi “um aluno brilhante, sempre o primeiro da sua classe” (Idem, 24), chegou a receber um prêmio da sociedade de Ciências e Letras de Blois. Em 1902, ele começou a estudar retórica, no ano seguinte, 1903, concluiu seu curso de Filosofia e em 1904 estudou Matemática, em um colégio local, com frequentes problemas de saúde.

Em outubro de 1904, Guénon foi para Paris e se candidatou para a École Polytecnique. Embora, tenha sido um bom aluno em Blois, mas, em Paris, ao contrário, seus novos professores, ainda que reconhecendo a sua boa vontade e seu ardor pelo trabalho, lhe fizeram compreender que não devia continuar por este caminho. (...) a lentidão do seu progresso nas Matemáticas vinha sobretudo de sua saúde precária, que o impedia de seguir regularmente os cursos” (Chacornac, 1958: 27). Ou seja, quando em um ambiente mais intelectualizado, Guénon não se destacou como um aluno brilhante, tal como em sua pequena cidade natal. Após tentativas de outros meios, os professores lhe disseram que ele estava ainda longe dos níveis do exame (idem, 27). Então, desestimulado pelos professores, por hora, Guénon desistiu em continuar com os estudos acadêmicos.

A partir de então, Guénon se envolveu com grupos esotéricos, tão em voga na Paris naquela época. O primeiro grupo a se ingressar foi a Ordem Martinista Cristã Esotérica, dirigida pelo doutor Encausse, mais conhecido pelo pseudônimo de Papus. Mas, logo se decepcionou com esta ordem alegando que a mesma "não tinha recebido qualquer transmissão espiritual autêntica". Então, em seguida se juntou à Igreja Gnóstica da França, fundada por Léonce Fabre des Essarts (Synesius), a qual ele também não levou a sério. Mesmo assim, ele foi o fundador e o principal colaborador da revista La Gnose (A Gnose), escrevendo artigos até o ano de 1922. Depois ingressou em uma loja Maçônica, foi iniciado no Taoísmo e também no Sufismo. Estudou Hinduísmo, destacando a tradição Vedānta, a qual ele apontou como a autêntica preservadora da Tradição Primordial. Mark Sedgwick conjeturou que Guénon pode ter sido iniciado por alguns hindus em Paris. Porém, ele duvidou e concluiu que "a compreensão de Guénon do Hinduísmo derivou exclusivamente de suas leituras de textos e de estudos então disponíveis em Paris. Em nenhum lugar, Guénon alegou que este não foi o caso, e ele nunca visitou a Índia" (Sedgwick, 2004: 49). A iniciação de Guénon por hindus seria impossível, pois, tal como veremos mais adiante, o Hinduísmo é um

religião hereditária, portanto hindus não iniciam europeus.

Dispensado do serviço militar em razão dos problemas de saúde, Guénon voltou a estudar Filosofia na Sorbonne durante a Primeira Guerra Mundial, Em 1917, lecionou Filosofia por um ano na Argélia. Em seguida, voltou à Paris e tentou o doutorado na Sorbonne, mas, tal como já mencionado, resultou naquela decepcionante reprovação da sua tese pelo professor Sylvain Lévi em 1921. Ele não desistiu da sua teoria e publicou, através de uma editora católica, no mesmo ano de 1921, a sua tese com o título de *Introduction Générale à L'édude des Doctrines Hindoues* (Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus).

A partir de 1925, Guénon se tornou colaborador para uma revista editada por Paul Chacornac (autor da sua biografia) denominada Le Voile d'Isis (O Véu de Isis), e após 1935, sob a influência de Guénon, esta revista passou a se chamar Les Études Traditionnelles (Os :Estudos Tradicionais). Depois de passar por várias organizações ocultistas, Guénon se convenceu de "que as organizações ocultistas não detinham algum ensinamento sério e dirigiam aos seus membros um falso espiritualismo incoerente e desprovido de base tradicional. René Guénon então pensou em agrupar os elementos mais interessantes destas organizações" (Chacornac,

1958: 34). Por exemplo, sobre a Maçonaria, ele disse uma vez: “A Maçonaria tem sofrido uma degeneração, o começo desta degeneração é a transformação da Maçonaria Operativa em Maçonaria Especulativa” (Chacornac, 1958: 36). Um sinal de como ele se apegava à tradição e rejeitava as inovações. Foi a partir de então que Guénon começou a desenvolver gradualmente a sua teoria da Tradição Primordial a qual, para ele, era a fonte de toda a sabedoria espiritual do mundo, algo como uma revelação inicial, através de um diversificado e amplo processo comparativo de doutrinas, de práticas, de ritos e de símbolos, extraído de distintas tradições, isto é, um método comparativo criado por ele, o qual apontava para uma unidade por trás de todas as doutrinas e de todos os símbolos verdadeiramente tradicionais, transmissão essa preservada pelo que ele denominou de Transmissão Tradicional, desde o início da sua revelação até os dias de hoje, mais comumente encontrada no Oriente, sobretudo no Hinduísmo (Dickson, 2021: 589 e 593).

Em setembro de 1920, o teólogo cristão Père Peillaube pediu que Guénon escrevesse uma crítica à Sociedade Teosófica. Ele aceitou e o livro *Le Théosophisme, Histoire d'une Pseudo-religion* (Teosofismo, História de uma Pseudo Religião) foi publicado em 1921. Este livro agradou ao público católico da França, então dois anos depois a dose foi repetida, Guénon publicou outra crítica *L'Erreur*

Spirite (O Erro Espírita), 1923. Ele gostava de escrever tanto que atuou até como "escritor por encomenda". Em 1927, ele publicou o seu livro mais lido e mais repetidamente publicado: *La Crise du Monde Moderne* (A Crise do Mundo Moderno), no qual ele profetiza o fim próximo da cultura moderna. Ele não sobreviveu para testemunhar, mas, diferente do que ele previu, aproximadamente cem anos depois da publicação, a cultura moderna continua muito vigorosa, apesar dos altos e baixos da sua trajetória, e da desigualdade em distintos povos, bem como não mostra sinais de perda de vigor.

Em 1930, Guénon deixou Paris e se dirigiu para o Cairo, no Egito, onde mergulhou fundo no mundo islâmico. Ele foi iniciado em uma ordem sufista, realizou a declaração de fé islâmica, possuía um oratório em sua residência, fez os votos islâmicos, frequentava uma mesquita regularmente para orar e reverenciar Alá, se casou com um mulçumana filha de um xeique, educou os filhos conforme a tradição mulçumana, tentou realizar uma peregrinação à Meca, mas foi impedido por não ter cidadania egípcia e foi sepultado conforme o rito mulçumano. Guénon continuou como um mulçumano até o fim da sua vida em 1951. O intrigante é que, quando lemos as obras de Guénon, nos chama a atenção a sua admiração pela Adwaita Vedānta do Hinduísmo, o qual ele apontou como a tradição que mais

preserva a Sabedoria Primordial, então, ao invés de se converter à Vedānta, a qual ele elogiou tanto, ele se tornou um sufista. Alguns de seus biógrafos justificam que Guénon afirmou uma vez que o Islã era a maneira mais acessível para um ocidental se aproximar à Tradição Primordial. Mesmo depois de se converter ao Islamismo, ele continuou seu interesse pelo Hinduísmo, escrevendo vários artigos (Guénon, 2002).

O obstáculo é que a Adwaita Vedānta é uma das escolas tradicionais do Hinduísmo, este último não é uma religião proselitista, mas uma religião hereditária, ou seja, não é possível se converter ao Hinduísmo, para ser um hindu é preciso ser filho ou filha de um casal de hindus que pertença a uma das quatro castas. Portanto, um francês, tal como René Guénon, não poderia se converter à Vedānta hindu, pois o Hinduísmo ortodoxo não aceita convertidos. O que ele poderia ter feito, caso se interessasse pelo ingresso na prática do sistema Vedānta, seria ingressar em alguns dos Novos Movimentos Religiosos inspirados nas ideias e nas práticas vedantinas, emergentes naquela época, tais como a Missão Rāmakrshna, através da propagação internacional de Swami Vivekānanda, a Ātman Yoga de Sri Ramana Mahārshi e a Divine Life Society de Swami Shivānanda, pois todos estes grupos praticantes de Adwaita Vedānta aceitam ocidentais, uma vez que não seguem o Hinduísmo

ortodoxo dos Dharmashatras hindus, por isso não são denominados de grupos hindus, mas sim de Novos Movimentos Religiosos inspirados no Hinduísmo. Entretanto, visto que estes são grupos um tanto inovadores do Hinduísmo, os quais o reinterpretam, esta inovação não foi do agrado para Guénon, o qual não aceitava inovações que interrompessem a cadeia da Transmissão Tradicional. Portanto, para Guénon, estes Novos Movimentos Religiosos eram degenerações da Tradição Primordial, para ele a pureza estava no Hinduísmo ortodoxo, por isso não se interessou pela filiação (para aprofundamento, ver: Guénon, 1987b: 291-5, onde ele comenta sobre os Novos Movimentos Religiosos inspirados no Hinduísmo). René Guénon faleceu em 7 de janeiro de 1951, na cidade do Cairo, Egito, aos 64 anos de idade, seus últimos anos foram difíceis em razão do agravamento da fragilidade da sua saúde.

Sua Obra

De certa maneira, podemos dividi-la nos seguintes temas:[1]

1.Obras sobre os princípios metafísicos fundamentais: *Introduction générale à l'étude des*

[1] Algumas obras só foram publicadas após sua morte, ocorrida em 1951.

doctrines hindoues (Introdução Geral ao Estudos das Doutrinas Hindus, 1921), *L'Homme et son Devenir selon le Vêdânta* (O Homem e seu Destino Segundo o Vedānta, 1925), *Le Symbolisme de la Croix* (O Simbolismo da Cruz, 1931), *Les États Multiples de l'Être* (As Etapas Múltiplas do Ser, 1932), *La Métaphysique Orientale* (A Metafísica Oriental, 1939), *Les Principes du Calcul Infinitesimal* (Os Princípios do Cálculo Infinitesimal, 1946) *e Études sur l'Hindouisme* (Estudos sobre o Hinduísmo, 1967).

2.Obras sobre esoterismo e iniciação: *L'Ésotérisme de Dante* (O Esoterismo de Dante, 1925), *Saint Bernard* (São Bernardo, 1929), *Aperçus sur l'Initiation* (Perspectivas sobre a Iniciação, 1946), *Initiation et Réalisation Spirituelle (*Iniciação e Realização Espiritual, 1952), *Aperçus sur l'ésotérisme Chrétien* (Perspectivas sobre o Esoterismo Cristão, 1954) *e Études sur la Franc-maçonnerie et le Compagnonnage* (volume I 1964 e volume II 1965 – Estudos sobre a Franco Maçonaria e o Companheirismo).

3.Obras sobre simbolismo: *La Grande Triade* (A Grande Tríade, 1946), *Symboles de la Science Sacrée* (Símbolos da Ciência Sagrada, 1962), *Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques* (Formas Tradicionais e Ciclos Cósmicos, 1970), *Aperçus sur l'ésotérisme Islamique et le Taoïsme* (Perspectivas sobre o Esoterismo Islâmico e o

Taoísmo, 1973) e *Le Roi du Monde* (O Rei do Mundo, 1927).

4.Obras de crítica ao mundo moderno e aos neo-espiritualismos: *Orient et Occident* (Oriente e Ocidente, 1924), *La Crise du Monde Moderne* (A Crise do Mundo Moderno, 1927), *Autorité Spirituelle et Pouvoir Temporel* (Autoridade Espiritual e Poder Temporal, 1929), *Le Théosophisme, Histoire d'une Pseudo-religion* (O Teosofismo, a História de uma Pseudo Religião, 1921), *L'Erreur Spirite* (O Erro Espirita, 1923) *e Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps* (O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, 1945).[2]

O Tradicionalismo

Não existe apenas um Tradicionalismo, mas vários, aquele de René Guénon é apenas um dentre tantos. O significado pode ser bem amplo, se estendendo desde alguém com ideias e costumes nostálgicos, os quais podem ter sido assimilados na sua juventude, até um movimento ideológico, em um sentido mais restrito, que atribui preferência para antigas ideias e práticas especificas em lugar daquelas que as

---

[2] Para uma resumida análise da sua obra, ver: Chacornac, 1958: 59-80.

substituíram. Em suma, é uma forma de Conservadorismo, ou seja, preferir a estagnação ao invés da inovação.

Mark Sedgwick dividiu a história do Tradicionalismo do século XX em três estágios. O primeiro estágio foi até os anos 1930, quando R. Guénon desenvolveu a filosofia tradicionalista, escreveu vários artigos e livros, e reuniu um pequeno grupo de seguidores. No segundo estágio, uma tentativa foi feita de colocar a filosofia tradicionalista em prática em dois diferentes contextos: o Sufismo Islâmico, como um exemplo de metafísica oriental e o fascismo europeu, como exemplo de revolta. No terceiro estágio, após os anos 1960, as ideias tradicionalistas começaram a se fundirem na cultura geral do Ocidente e passou do Ocidente para o mundo islâmico e para a Rússia (Sedgwick, 2004: 22). O Tradicionalismo de R. Guénon não é, e nunca foi, uma organização institucionalizada, tão somente um movimento ideológico, o qual em certo momento tentou colocar em práticas algumas ideias, porém sobreviveu mais como um movimento de onde cada conservador retirava o que lhe interessava, a fim de incorporar em outras ideologias.

A palavra tradição deriva do verbo latino “trādēre”, que significa “transmitir” (para a posteridade), “entregar”, “confiar”. O significado mais comum é “uma afirmação, uma crença ou

uma prática transmitida (especialmente de maneira oral) de geração à geração”. Especificadamente, o Tradicionalismo de R. Guénon considera a tradição no sentido de “uma crença e uma prática transmitidas desde tempos imemoriais, ou melhor, crenças e práticas que devem ter sido transmitidas, mas foram perdidas ao Ocidente durante a última metade do segundo milênio e. c. De acordo com o Tradicionalismo de Guénon, o Ocidente moderno está em crise como um resultado desta perda da transmissão da Tradição” (Sedgwick, 2004: 21). Estritamente falando, o contestação de Guénon não é com o Ocidente no sentido geográfico, mas sim com a cultura moderna, portanto evolucionista, que é predominante nele. Para ele, a solução estava no exemplo tradicional do Oriente (Dickson, 2021: 595), porém o Ocidente não deve se orientalizar, ou seja, absorver ideias e costumes orientais, mas sim resgatar a sua própria tradição, a qual foi perdida com o fim da Idade Média e o surgimento da Era Moderna. Para Guénon, a Idade Média foi uma época dourada e não de trevas. Seu pensamento, evidentemente, é quase todo o contrário daquele dos evolucionistas. Por exemplo, para ele, a Astronomia não é um aperfeiçoamento científico da Astrologia, mas, ao contrário do que muitos historiadores e cientistas consideram, a sua degeneração, bem como a Química não é um desenvolvimento da Alquimia, mas também a sua

piora, e outras tantas avaliações antiprogressistas. Em suma, para ele o progresso é um horror cultural.

A teoria do Tradicionalismo de que a sabedoria superior foi revelada em um passado bem distante e preservada por algumas poucas tradições sobreviventes, portanto é um saber tradicional, de maneira que o progresso cultural é inimigo da sabedoria antiga, está na contramão da explicação, por historiadores, de que a evolução da cultura religiosa acompanhou a evolução da cultura humana ao longo de muitos séculos (para aprofundamento, ver: Bellah, 2011). A teoria tradicionalista de René Guénon representa um desafio à teoria da evolução da cultura religiosa exposta por Robert N. Bellah em seu livro de referência *Religion in Human Evolution: from the Paleolithic to the Axial Age* (A Religião na Evolução Humana: do Paleolítico à Era Axial), 2011. René Guénon disse o seguinte sobre o evolucionismo: “O evolucionismo, apesar das múltiplas divergências mais ou menos importantes, se transformou em um verdadeiro dogma oficial; se ensina como uma lei, que é proibido discutir, o que não é na realidade mais do que a mais gratuita e a menos fundamentada de todas as hipóteses” (Guénon, 1987a: 29). Ele admirava a seguinte frase: “a ciência ocidental é um saber ignorante” (Idem: 37).

Os elementos essenciais da filosofia tradicionalista de Guénon são encontrados em quatro de seus livros publicados entre 1921 e 1927. O primeiro foi *L'introduction Générale à L'etude des Doctrines Hindoues* (A Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus) publicado em 1921. Este foi o livro a partir da tese de doutorado de Guénon, a qual foi reprovada por Sylvain Lévi em 1921. Portanto, foi neste primeiro livro que Guénon cunhou a expressão Filosofia Perene, como sinônimo de uma tradição que atravessou toda a história para enfim sobreviver inalteradamente em algumas poucas tradições da atualidade, sobretudo na tradição Vedānta da Índia (Dickson, 2021: 589), mais especificadamente, na corrente Adwaita Vedānta de Adi Shankarāchārya (788-820 e. c.). Tese esta que Sylvain Lévi entendeu como historicamente absurda. Nas palavras de Mark Sedgwick: "Então, no século dezenove, o Perenialismo foi revivido em uma forma levemente modificada, com os recém descobertos Vedas sendo considerados com a sua expressão textual sobrevivente. Foi nesta forma, (...), que Guénon encontrou o Perenialismo, e é esta forma de Perenialismo que é apresentada no livro *Introduction Générale*, que foi rejeitada por Lévi, e é elemento central para a Filosofia Tradicionalista" (Sedgwick, 2004: 24).

Neste livro, na posterior edição revista e ampliada, dentre as tantas teorias de Guénon que

nunca foram confirmadas, está a sua crítica ao gregocentrismo, através da sua alegação de que os antigos gregos absorveram ideias dos povos orientais, sobretudo dos indianos, mesmo antes da ocupação grega da região da Bactria (atual Afeganistão) pelas tropas de Alexandre o Grande, onde prosperou uma fértil cultura grega. Sua convicção foi tanta que ele chegou a dizer que: "Após Aristóteles, os sinais de influência hindu na filosofia grega tornaram-se cada vez mais raros, chegando ao ponto de desaparecer, porque aquela filosofia (a grega) fechou-se em uma esfera cada vez mais limitada e contingente, sempre mais distante de qualquer intelectualidade real. (...) Foi somente entre os Neoplatônicos que as influências orientais fizeram novamente seu aparecimento e é aí, na verdade, que certas ideias metafísicas, tal como aquela do Infinito, pode ser encontrada pela primeira vez entre os gregos (Guénon, 1945: 51).

Outro importante livro de Guénon sobre o Tradicionalismo é *Orient et Occident* (Oriente e Ocidente), de 1924, um alerta para a salvação do Ocidente do colapso por meio da tradição oriental. Na primeira metade do livro, Guénon atacou sistematicamente a ilusão do materialismo e as superstições do progresso, da razão, da mudança e da moralização sentimental. Nas palavras de R. Guénon em *Orient et Occident* (p. 19): "A civilização ocidental moderna aparece na história como uma verdadeira anomalia, entre todas

aquelas que nós conhecemos mais ou menos completamente, esta civilização é a única que tem desenvolvido um aspecto puramente material, e este desenvolvimento monstruoso, cujo começo coincide com o que se tem convencionado chamar de Renascimento, tem sido acompanhado, como deveria de ser fatalmente, de uma regressão intelectual correspondente (...). Esta regressão chega a tal ponto que os ocidentais de hoje já não sabem o que pode ser a intelectualidade pura, e já não suspeitam sequer que tal coisa possa existir, daí o seu desprezo, não só pelas civilizações orientais, senão inclusive pela Idade Média europeia...” (Guénon, 1987a: 19). Para ele, a perfeição estava no começo, a evolução era decadência: “É no começo que tudo que aparece nos domínios espirituais e intelectuais é encontrado em seu estado de perfeição, do qual ele tem depois somente decaído através daquele ‘obscurecimento’ que necessariamente acompanha cada processo cíclico de manifestação” (Guénon, 2002: 72).

Por “pura intelectualidade”, Guénon entendia algo próximo à inteligência metafísica, a qual foi substituída por um culto supersticioso da razão, a qual valoriza aquilo que não tem valor. A rigor, Guénon não estava atacando a civilização ocidental, no sentido geográfico, mas sim a civilização moderna, de modo que a título do livro, ao invés de “Oriente e Ocidente”, deveria ser

Tradição e Modernidade. Pois, “o que Guénon se opõe não é ao Ocidente, mas ao mundo moderno, e o que ele espera não é o triunfo do Oriente, mas restaurar para o Ocidente sua apropriada civilização tradicional” (Sedgwick, 2004: 25). Para Guénon, a “apropriada civilização tradicional” do Ocidente aconteceu durante os anos da Idade Média europeia. E profetizou o fim imediato da civilização moderna: “O Ocidente está em grave perigo, porque é baseado em nada mais substancial que superioridade industrial, sem fundamentação espiritual. A civilização ocidental está em imediato perigo de colapso cataclísmico em direção ao barbarismo e a consequente extinção através da assimilação por civilizações mais solidamente fundadas” (Idem, 25-6 e Dickson, 2021: 595). R. Guénon, falecido em 1951, não sobreviveu para testemunhar que sua profecia não se realizou, uma vez que o triunfo da civilização moderna no Ocidente foi ainda maior na segunda metade do século XX e no início do século XXI, apesar de alguns tropeços. Nenhuma nação moderna foi assimilada por outra “civilização mais solidamente fundada”, ou seja, por uma civilização tradicional. A tentativa expansionista do Estado Islâmico de fundar um império islâmico global ficou apenas no sonho. O mais próximo disto que aconteceu foi que em alguns países, que já eram mulçumanos, foram tomados por um Islamismo mais radical, enquanto

outros países preservaram um Islamismo moderado. Nos países que outrora foram tradicionais, o tradicionalismo deu lugar ao secularismo, e se tornaram os países com os mais altos graus de civilidade, de desenvolvimento humano, de escolaridade, de qualidade de vida e de igualdade social (Noruega, Suécia, Holanda, Finlândia, Dinamarca, Suíça, Japão, Coreia, Singapura e outros).

A segunda parte do livro se dedica a explicar como este colapso poderia ser evitado, através de uma solução oligárquica. Para ele, o que era necessário era a formação de uma “elite intelectual”, para receber o ensinamento tradicional, através de uma assimilação de doutrinas orientais, caso as formas ocidentais não pudessem ser encontradas, de modo a impulsionar o Ocidente em direção à restauração de uma civilização tradicional.

Outro livro ainda mais importante para a compreensão do Tradicionalismo de Guénon é *La Crise du Monde Moderne* (A Crise do Mundo Moderno), de 1927. Este é seu livro mais conhecido e mais lido, foi reimpresso repetidas vezes desde a publicação inicial e é possível de ser encontrado mesmo hoje. Mark Sedgwick o considerou como a obra prima de Guénon. O livro é um aperfeiçoamento do *Orient et Occident* com algumas mudanças na terminologia, no estilo e na

clareza.[3] Por exemplo, neste livro a expressão "pura intelectualidade", utilizada em *Orient et Occident*, foi substituída por "ciência sagrada" (Sedgwick, 2004: 28).

Neste livro, Guénon reforça e aprofunda a sua tese de um colapso iminente do mundo moderno: "...quando se diz que o Mundo Moderno sofre uma crise, o que se entende mais habitualmente é que ele chegou a um ponto crítico, ou, em outros termos, que uma transformação mais ou menos profunda é iminente, que uma mudança de orientação deverá inevitavelmente produzir-se em breve. (...) porque, para mim, colocando-me em um ponto de vista mais geral, é toda a época moderna, no seu conjunto, que representa para o mundo um período de crise" (Guénon, 1927: 10). Mais adiante ele disse: "Este fim não é, sem dúvida, o fim do mundo, no sentido total em que alguns o querem entender, mas é, pelo menos, o fim de um mundo; e o que deve acabar é a civilização ocidental na sua forma atual" (Guénon, 1927: 16). Cerca de cem anos se passaram desde quando Guénon previu o fim ou a "transformação mais ou menos profunda e uma mudança de orientação"

---

[3] Quando comparamos ambos os livros, notamos que *Orient et Occident* exibe uma redação bem mais confusa e, para piorar, com extensos parágrafos de até três páginas, o que impede o descanso mais frequente do leitor

no Mundo Moderno, no entanto estes eventos não aconteceram. O que ocorreu foi o contrário, o Mundo Moderno se fortaleceu, desde então, o qual, heroicamente, suportou ondas de fortes influências orientais e místicas, tais como o Movimento Contra Cultura e o Movimento New Age, nos anos 1960, 1970 e 1980, e não colapsou.[4] Se o Mundo Moderno estivesse mesmo tão perto de um colapso civilizatório, tal como insistiu Guénon, ele não teria resistido aos movimentos acima, os quais propunham a transformação para uma maior espiritualidade do Ocidente, com muitos elementos da cultura e das práticas tradicionais do Oriente, sobretudo da Índia e da China. Esta foi a época quando ocorreu a maior imigração de gurus para o Ocidente.

Um traço presente com frequência nas suas obras, tantos nos livros como nos artigos, é a precariedade da documentação histórica, a qual, às vezes, chega a ser totalmente omissa e, quando utilizada, é selecionada com aquelas

---

[4] A influência oriental foi tão forte que até a banda de rock mais popular da época, os Beatles, se envolveu com o misticismo indiano, quando seus membros se tornaram discípulos do então desconhecido guru Maharishi Mahesh Yogi, instrutor da Meditação Transcendental, quem, após tal encontro na Índia, se tornou mundialmente conhecido e com um séquito numeroso, o que o levou a se transferir para os EUA.

citações que sustentam apenas as suas teorias metafísicas. Sendo assim, os seus livros e artigos trazem muito poucas citações de trabalhos de outros pesquisadores e historiadores, às vezes nenhuma, consequentemente nunca incluem bibliografia no final. Os resultados das explorações arqueológicas, já florescentes em sua época, nunca são citados, bem como os estudos históricos e linguísticos, e quando citados, é para criticar a sua validade ou apontar a sua inferioridade diante dos ensinamentos da Cultura Tradicional. Tudo isto com base na sua ideia de que o conhecimento material está abaixo e, por isso, é subordinado ao conhecimento metafísico. Em suma, as suas obras são dirigidas para um público crédulo, o qual acredita na primazia da metafísica e, automaticamente, aceita a subordinação da ciência. Com isso os conservadores de diferentes correntes absorveram as suas ideias, total ou parcialmente, as quais, por sua vez, naturalmente, foram destinadas a serem ignoradas pelo meio acadêmico e, entre os mais debochados, ridicularizadas pelos céticos.

A Infidelidade da Tradição Hindu

A tradição depende necessariamente da transmissão, ou seja, não existe tradição, qualquer que seja, sem a transmissão de uma geração para outra, desta para a seguinte e assim por diante,

até uma tradição desaparecer. No passado, a transmissão de um conhecimento era feita de forma oral, depois a forma escrita, hoje temos a forma eletrônica. Antes das invenções eletrônicas da gravação de voz e de imagens, a fidelidade da transmissão oral era quase impossível de ser verificada, uma vez que o evento não era registrado, diferente dos tempos de hoje, quando temos os instrumentos de gravação da voz humana. No caso da cultura hindu, cuja primordialidade é destacada nos livros de René Guénon, os primeiros textos foram composto e transmitidos apenas oralmente na Antiguidade, somente após alguns séculos é que estes textos foram passados para a forma escrita. Uma indicação de que estes antigos textos foram extraídos e memorizados a partir de exposições orais, está na quantidade de pronomes que indicam o uso de sinalizações por quem está falando, durante diálogos, sobretudo nos Upanixades, tais como “este”, “aquele”, “isto”, “esta”, “aquela”, “aqueles”, etc., certamente acompanhadas de gestos de sinalização, sem mencionar a que ou a quem se referem, os quais também não foram especificados no momento da passagem para a forma escrita, o que resulta em uma indefinição para os tradutores atuais e em discussões entre os intérpretes.

Por isso, não é possível saber com precisão o grau de fidelidade ou de alteração na

transmissão oral deste período. O que é possível saber são apenas os vestígios sobreviventes nas diferentes versões escritas, após a passagem destes textos para a forma escrita. Ou seja, a quantidade de diferenças textuais e redacionais, quando comparadas as recensões de um mesmo o texto, nos indica que, no momento da transcrição escrita, os textos já se diferenciavam em razão das alterações ou omissões ocorridas durante o longo período de transmissão oral, sobretudo quando comparamos o mesmo texto transmitido em diferentes regiões e em distintas épocas. As diferenças podem ser na extensão do texto, no arranjo dos capítulos, na ordem dos parágrafos ou dos versos, na redação, na eufonia, no metro, na maior ou menor presença de arcaísmos e no estilo linguístico.

Estas grandes quantidades de diferenças textuais exigem a prévia comparação de muitos manuscritos de uma mesma obra, a fim de encontrar o texto mais próximo do original, obviamente quando não temos o manuscrito autógrafo, para se chegar à edição crítica. Este trabalho é conhecido por Crítica Textual. Porém, são poucas as obras do Hinduísmo que foram publicadas mediante este prévio processo de preparação crítica, através da comparação do maior número possível de manuscritos antes da edição. Na maioria das vezes, a obra é publicada a partir do uso apenas de um só manuscrito ou de

poucos manuscritos. Então, quando este amplo trabalho de comparação de muitos manuscritos é feito, antes da publicação da edição crítica, muitas surpresas emergem à tona, pois se descobre que muitas edições anteriores não correspondem à versão mais próxima do provável texto original, ou que esta versão é a mais alterada entre os manuscritos comparados (ver: Olivelle, 1998b: xv-xix e Witzel, 2014: 56-62).

A fim de evitar que este estudo se torne demasiado extenso, limitaremos apenas a alguns pontos da tradição hindu, tão admirada por René Guénon. Na Antiguidade védica da Índia, as diferentes recensões dos textos védicos levaram a formação de diversas escolas védicas (shākhās). Então, no Mahābhāshya de Patānjali são mencionadas a existência de 1.131 shākhās (escolas védicas) no passado, sendo 21 do Rig Veda, 101 do Yajur Veda, 1.000 do Sāma Veda e 9 do Atharva Veda. Enquanto o Muktika Upanishad (I. 01.07-14) menciona 1.180 escolas (shākhās) da seguinte maneira: “Os Vedas são mencionados como sendo quatro em número, suas escolas (shākhās) são muitas. Assim também os Upanisads. O Rig-veda tem 21 shākhās, o Yajur-veda 109 shākhās, o Sāma Veda 1.000 e o Atharva Veda 50. Em cada shākhā tem um Upanixade” (Aiyar, 2003: 01 e 209). “O

Caranavyūha, um Parishita[5] do Yajurveda, relaciona cinco escolas (shākhās) do Rig Veda: Shākala, Bāskala, Āshwalāyana, Shankhāyana e Māndūkāyana. Outras fontes fornecem um número maior de escolas rigvédicas. Existem sete de acordo com o Atharvaveda Parishita (Brereton, 2014: vol. I, 16).[6]

Porém, destas escolas (shākhās), apenas 13 Samhitās (coleções de hinos) sobreviveram até os dias de hoje: 03 do Rig Veda (Shākala, Āshwalāyana e Shānkhāyana, esta última também denominada Kaushītaki),[7] 05 do Yajur Veda (04 do

---

[5] Texto suplementar ao Samhitā (Coleção de hinos). Cada Veda possui os seus Parishitas, a quantidade está sempre mudando, à medida que novos textos são descobertos, a coleção mais numerosa de Parishitas é a do Atharvaveda com mais de 70 Parishitas.

[6] Ver os esquemas com os nomes dos achāryas (mestres) destas escolas (shākhās) mencionados nos Purānas em Chaubey, 2009: vol. I, 04-6.

[7] B. B. Chaubey nos informou que "a tradição da recitação da Āshwalāyana Samhitā está completamente perdida e há somente um único pandit, no momento na Índia, que é capaz de recitá-la na maneira que poderia ter sido recitada no passado. Contudo, com a Kaushītaki (Shankhāyana), nós estamos em uma situação mais afortunada, uma vez que temos pelo menos três pandits (...). Eles conhecem a técnica tradicional de recitação bem e conhecem um punhado de

Yajur Veda Negro: Kathaka, Kapisthala, Mantrāyaniya e Taittiriya e 01 do Yajur Veda Branco: Vājasaneyi), 03 do Sāma Veda (Ranayaniya, Kauthuma e Jaiminiya) e 02 do Atharva Veda (Shaunaka e Paippalada)[8] (ver: Botelho: 2018: 02-3). A Āshwalāyana Samhitā do Rig Veda possui 209 versos a mais que a recensão Shākala Samhitā do Rig Veda (Chaubey, 2009: vol. I, xi). S. W. Jamison e J. Brereton entenderam que as perdas de algumas recensões da Samhitā (coleção de hinos) do Rig Veda não representam tantos prejuízos assim, em virtude das semelhanças textuais entre as mesmas, por isso "não há necessidade de lamentar a perda destas recensões" (Brereton, 2014: vol. I, 16).[9]

Sobre a proposta de Guénon de que o Veda incorpora uma sabedoria perpétua e foi transmitido através da Tradição Vedānta, por isso preservou a Tradição Primordial, vejamos abaixo

---

Sūktas e Mantras de cor, embora não o Samhitā inteiro de cor, apenas através da leitura" (Chaubey, 2009: vol. I, VII).

[8] Este números são eventualmente alterados, em razão das novas descobertas de textos supostamente perdidos.

[9] Para um estudo aprofundado sobre seis Shākhās Samhitās Rgvédicas (Coleções de Hinos das Escolas Rgvédicas – Āśvalāyana Samhitā, Shākala Samhitā, Bahvrcha Samhitā, Māndūkeya Samhitā, Bāshkara Samhitā e Shānkhāyana Samhitā), a partir dos dados sobreviventes, ver: Chaubey, 2009: vol. I, 01-146.

as conclusões de alguns dos principais estudiosos védicos da atualidade e do passado recente sobre a transmissão do Veda até os dias de hoje. Por exemplo, Jan Gonda, em sua obra de referência *Change and Continuity in India Religion* (Mudança e Continuidade na Religião Indiana) concluiu exatamente o contrário; "... não obstante ao fato de que o estudo do Veda era um dever para todos os homens pertencentes às três classes superiores da sociedade, uma compreensão adequada daquele corpo de literatura foi perdida em uma época ainda muito distante, um estudo filológico da mesma, atrofiada no transcorrer do tempo, e as obras dos comentaristas medievais são, nos seus esforços de interpretar os antigos textos formalmente e materialmente, ampla evidência da ignorância e das falsas noções, compreendendo mal o significado dos textos e as intenções dos seus autores, e fornecendo explicações anacrônicas, subjetivas ou simbolizantes. Existe toda a razão para a argumentação de que a Índia teve um conhecimento muito incompleto e inadequado do Veda antes que ele fosse descoberto pela pesquisa europeia" (Gonda, 1997: 09). Então, em seguida, este autor passou a apontar e a analisar dezenas de mudanças que ocorreram desde o período védico até o Hinduísmo tardio. Sobretudo, observações críticas sobre as teorias levantadas para explicar as numerosas mudanças entre a

antiga cultura védica e o Hinduísmo, uma vez que os problemas confrontados, ao estudar a história da Índia, são muito mais complicados do que certos arqueólogos, linguistas e historiadores das religiões[10] supõem, e que muitas hipóteses baseadas em uma influência predominante de um substrato permanente são simplistas e mal fundamentadas, em razão das numerosas inovações.[11]

Sobre o hábito de interpretar os Upanixades com base nos comentaristas medievais (Shankarāchārya, Rāmanuja, Madhwāchārya, etc.), Michael Witzel e Stephanie W. Jamison observaram o seguinte problema: "...o estudo destes textos tem, em grande parte, sido

[10] E mais ainda para especuladores delirantes como René Guénon e outros.

[11] Deuses que sobreviveram na tradição hindu por muitos séculos sofreram tantos sincretismos e tantas alterações, que suas características iniciais são, às vezes, quase irreconhecíveis. Este é o caso do deus Shiva. Portanto, para conhecer o desenvolvimento do conceito do deus hindu Shiva, desde o Rudra védico até os conceitos mais recentes, consultar: *The Concept of Rudra-Śiva Troungh the Ages* (O Conceito de Rudra-Śiva Através dos Tempos) de autoria de Mahadev Chakravarti. Também, para conhecer o desenvolvimento do conceito de Īshwara (Deus Diretor) no Hinduísmo, desde as primeiras menções no Atharva Veda Samhitā, ver: Gonda, 1997: 131-63.

baseado nos muito tardios comentários de Shankara (sétimo século e. c.) e de outros. A época, o local e o contexto cultural e religioso dos comentaristas estão tão distantes dos autores dos Upanixades (c. 500 a. e. c.) como estão os atuais leitores ocidentais dos comentaristas dos Upanixades. Ademais, Shankara e os outros escritores Adwaita medievais tomaram os antigos Upanixades como um todo e os utilizaram como suportes escriturais para a filosofia monista da sua época" (Witzel, 1992: 26). Veja as observações de Erich Frauwallner: "A fim de compreender a filosofia dos Upanixades, não é necessário, acima de tudo, introduzir coisas tardias neles. Especialmente, não é necessário interpretá-los mediante o idealismo monístico de *Shankara*, tal como Deussen tem feito. A doutrina de *Shankara* está separada dos antigos Upanixades por um período de mais de mil anos, e ela confia inteiramente em outras pressuposições e opiniões que foram criadas apenas no período de transição. Ademais, não existe nenhuma filosofia uniforme e harmoniosa nos Upanixades. Só o sistema Vedānta tardio é que criou uma unidade artificial. Os antigos Upanixades apresentam apenas um número de textos isolados, que eram individualmente recitados como textos independentes. Eles eram transmitidos repetidamente em diferentes contextos e isto prova sua independência. A tarefa com a qual a

ciência agora se depara é compreender estas diferentes doutrinas em sua originalidade, ordená-las e organizá-las, bem como explicar suas origens e seu desenvolvimento" (Frauwallner, 1997, vol. I: 358-9).

Ademais, não é exato considerar que tudo no Veda é uma revelação primordial, tal como imaginou Guénon, uma vez que estudos arqueológicos, linguísticos e históricos atualmente apontam para o fato de que o Veda, na realidade, é um desdobramento da cultura e da religião Indo-iraniana, sendo esta última também um desdobramento da cultura Indo-europeia. S. W. Jamison e J. Brereton resumiram claramente as atuais conclusões dos pesquisadores de que o Rgveda "se coloca no fim de uma longa tradição de poesia de louvor Indo-iraniana e Indo-europeia, a maioria espelhada nos Antigos Gāthās Avestianos atribuídos a Zarathustra". E mais adiante, "O Rgveda é parte de uma longa tradição de poesia de louvor Indo-europeia, retrocedendo até o período Indo-iraniano com raízes no período Indo-europeu. O Rgveda é apenas a superfície de uma tradição muito profunda" (Brereton, 2014: 04-5). Abundantes estudos linguísticos e históricos têm demostrado que a cultura védica foi trazida para o continente indiano pelo Arianos, um povo derivado do povo Indo-europeu, que se deslocou para a direção da Ásia Central, e alguns grupos mais tarde migraram para o Irã e para a Índia. O

Rgveda narra as batalhas entre estes invasores arianos, representado principalmente pelo deus ariano Indra, com os nativos Dasas e Dayus (para aprofundamento, ver: Keith, 1989: part I, 32-6; Erdosy, 1997; Brereton, 2014: Introduction e Witzel, 2001 e 2014). Ora, por outro lado, se tudo que é inovação for degeneração, tal como ensinava Guénon de que a inovação ou progresso é uma degeneração de uma tradição, então o Veda, certamente, era uma inovação em relação à religião Indo-iraniana, portanto uma degeneração; do mesmo modo, a religião Indo-iraniana era uma inovação em relação à religião Indo-europeia, portanto também uma degeneração da mesma e, também, a religião Indo-europeia poderia ser uma inovação em relação à religião de algum povo anterior a ela, portanto também uma degeneração, bem como a religião deste povo anterior poderia ser uma inovação da religião de um povo da humanidade primitiva, portanto também uma degeneração e assim *ad infinitum*, enfim, nunca saberemos qual foi a Tradição Primordial.

A Infidelidade da Transmissão Textual e Redacional

Esta é uma ocorrência frequente nos textos antigos de quase todas as tradições. Entretanto, aqui nos limitaremos a alguns poucos exemplos de diferenças textuais e redacionais na

transmissão dos textos da tradição hindu, pela qual Guénon cultivava grande admiração e a apontava como conservadora da Tradição Primordial. Pois, à medida que surgem diferenças na transmissão, consequentemente acontecem o surgimento de diferentes recensões ou versões de um mesmo texto. Às vezes, duas recensões de um mesmo texto são tão diferentes, que até parecem duas composições distintas, o que, às vezes, os pesquisadores preferem chamar de versões de uma mesma obra.

Também, às vezes um mesmo verso é citado em diferentes textos, porém com diferenças na redação. Dr. S. R. Sehgal apontou, na introdução da tradução inglesa de Ralph T. H. Griffith do Atharvaveda, edição de 1985, a falibilidade da tradição védica da seguinte maneira: “os estudos críticos têm confirmado a opinião de que a tradição védica não é infalível, embora seja protegida pelos auxílios como swara,[12] padapātha,[13] kramapātha,[14] etc. Ela (a tradição védica) tem sido afetada e ainda tem sido perversamente comentada por comentaristas. A

---

[12] Acentuação.

[13] Recitação sem o uso das regras de ligação eufônica entre as palavras (regras de sandhi).

[14] Recitação dos versos védicos através de pares de palavras na ordem em que elas estão no verso, com o objetivo de aumentar a memorização.

recitação padapātha, a qual serve para um proposito duplo, qual seja, a pureza e a exposição tem, até certo ponto, sofrido (alterações) no transcurso da tradição oral. As falhas de memória têm causado variações" (Griffith, 1985: vol. I, xxviii-xxix). Em seguida, ele mostrou alguns exemplos de diferenças redacionais do mesmo verso em distintas obras védicas. Mencionaremos aqui apenas um exemplo de S. R. Sehgal: o verso I.115.01 do Rg Veda é repetido nas duas recensões do Atharva Veda (Shaunaka e Paippalāda), sendo que na recensão Shaunaka XII.02.35, acontece uma diferença redacional na primeira palavra do terceiro pāda. A repetição de um mesmo verso em diferentes obras é uma ocorrência comum na literatura védica, bem como na literatura hindu em geral, sendo que, às vezes, o verso é reproduzido com alterações textuais ou redacionais, bem como até mesmo com omissões e acréscimos. Estas diferenças podem ter surgido ainda durante o período da transmissão oral, quando ocorriam erros na recitação, em função das falhas de memória, e depois estas diferenças textuais e redacionais foram registradas por escrito. Também, podem ter ocorrido alterações voluntárias em razão de preferências ideológicas. S. R. Sehgal também disponibilizou uma completa tabela comparativa entre as diferentes ordens dos capítulos, dos hinos e dos versos nas recensões Shaunaka e Paippalāda do Atharva Veda (Griffith,

1985: vol. I, 408-24). Quanto às modificações de um texto para outro, J. Brereton e S. W. Jamison observaram: “No hinos rgvédicos, que também aparecem no Atharva Veda, este último não incomumente mostra uma ordem diferente nos versos, e em ambas, nas versões sāmavédica e atharvavédica dos hinos rgvédicos, podem haver diferenças na redação e nas formas gramaticais. Nestes casos, com poucas ou nenhuma exceção, a versão rgvédica do hino é a mais antiga e as versões dos outros Vedas são modificações” (Brereton, 2014: 18).[15]

Também, não menos divergentes nos textos, nas redações, na gramática, no metro e nas interpretações são os Upanixades, textos que são fontes do sistema Vedānta. As variantes aumentaram com o tempo que mesmo um Upanixade bem curto como o Īshāvasya Upanishad, com apenas 18 versos, conforme as recensões Kānva[16] e Mādhyandina, apresenta diferenças no arranjo da ordem dos versos, na redação e no número de versos (a recensão de Madhwāchārya possui 20 versos ao invés de 18

---

[15] Para conhecer as diferenças textuais entre as recensões Shānaka e Āshwalāyana do Rg Veda, consultar Chaubey, 2009: vol. I, XI-XVI e para os nomes dos achāryas (mestres) das shākhās rgvédicas mencionados nos Purānas, ver os esquemas nas páginas 04-06 desta mesma obra.

[16] Esta foi a recensão comentada por Adi Shankarāchārya.

das recensões Kānva e Mādhyandina), quando comparamos uma recensão com a outra. Até agora foi possível encontrar quatro recensões: Kānva, Mādhyandina, a de Madhwāchārya e a da Suddha Dharma Mandalam. As recensões Kānva e Mādhyandina coincidem na ordem dos versos somente até o verso 08, a de Madhwāchārya coincide com a Kānva até o verso 16 e a da Suddha Dharma Mandalam coincide apenas com a Kānva nos versos 01, 02, 15, 16, 17 e 18.[17] Ademais, as recensões Kānva e Mādhyandina apresentam consideráveis diferenças redacionais, bem como alguns problemas no metro e erros gramaticais (para conhecer estas diferenças textuais e estes erros redacionais, consultar: Vadekar, 1958: Vol. I, 01-5; Olivelle, 1998b: 611-3 e Botelho: 2022: 51s).

Quando nos dirigimos para os textos mais longos dos Upanixades, obviamente, as diferenças textuais entres as recensões aumentam. Um Upanixade longo, tal como o Brhadāranyaka Upanishad, também preservado nas recensões Kānva e Mādhyandina, apresenta muitas variações de arranjo na ordem das seções, dos capítulos e dos parágrafos. Patrick Olivelle elaborou e publicou uma completa tabela comparativa dos arranjos na ordem das seções,

[17] Consultar a tabela comparativa das ordens dos versos entre estas quatro recensões em: Botelho, 2022: 38-9.

dos capítulos e dos parágrafos entre as recensões Kānva, Mādhyandina e o Shatapatha Brāhmana, do qual o Brihadāranyaka Upanishad é a parte final, bem como uma longa seção de notas, com 45 páginas, sobre as diferenças textuais, redacionais, gramaticais, eufônicas e métricas entre as duas recensões (Olivelle, 1998b: 33-5 e 487-532). A seção de notas sobre todos os 12 Upanixades editados e traduzidos por ele soma 167 páginas, o que mostra a grande quantidade de variantes textuais, redacionais, gramaticais, eufônicas e métricas ocorrentes nos Upanixades Maiores, o que demostra que a transmissão tradicional não é tão fiel como muitos pensam. Nestas notas, ele apontou e comentou, entre tantas outras observações, sobre as emendas redacionais efetuadas por editores ocidentais, na tentativa de corrigir as passagens com redações incorretas nos Upanixades. Ele alegou que não lhe parece correto corrigir estas irregularidades na edição do texto, tal como fizeram alguns editores ocidentais, sobretudo Otto Böhthingk, mas apenas manter a redação tradicional e observar os defeitos em notas de rodapé (para aprofundamento, ver: Olivelle, 1998a), confirmando assim, mais uma vez, que as alterações existem e são abundantes. Estes são alguns poucos exemplos da infidelidade textual e redacional na transmissão dos textos védicos,

longe de serem todos os casos, apenas alguns poucos exemplos mencionados aqui.

As Divergências na Exegese

Mais problemáticas do que as variantes na transmissão textual e redacional, são as divergências nas interpretações, uma vez que cada corrente alega ser a herdeira da tradição original, o que nos impossibilita identificar qual é a verdadeira. Apontar todas as diferenças interpretativas no Hinduísmo seria uma obra monstruosa, portanto aqui será mostrado apenas um exemplo de uma tradição que Guénon apreciava tanto, a Vedānta, com seu texto fonte, os Brahma Sūtras.

Em razão da sua admiração, Guénon enfatizou demasiadamente a tradição monista da Vedānta (Adwaita Vedānta) como a principal corrente dentre todas as tradições vedantinas, para ele a Adwaita Vedānta era a Vedānta por excelência (Guénon, 1945 e 2001). Falando mais amplamente, a corrente Adwaita é apenas uma dentre as tantas outras tradições vedantinas, cuja fonte textual também se encontra nos Brahma Sūtras (também conhecidos por Vedānta Sūtras) de autoria de Bādarāyana (datas controvertidas). Veja abaixo a relação dos principais comentaristas clássicos dos Brahma Sūtras e fundadores de correntes interpretativas da Vedānta com os

nomes das suas respectivas interpretações teológicas:

1.Shankarāchārya (788-820 e. c.) Nirvisheshādwaita
2.Bhāskara (1000 e. c.) Bhedābheda
3.Yādavaprakasha (1000 e. c.) Bhedābheda
4.Rāmanuja (1140 e. c.) Vishishtādwaita
5.Madhwāchārya (1238 e. c.) Dwaita
6.Nimbārka (1250 e. c.) Dwaitādwaita
7.Shrikantha (1270 e. c.) Shaivavishistādwaita
8.Shrīpati (1400 e. c.) Bhedābhedātmakavishistādwaita
9.Vallabha (1479-1544 e. c.) Shuddhādwaita
10.Shuka (1550 e. c.) Bhedavāda
11.Vijnānabhikshu (1600 e. c.) Ātmabrahmaikyabhedavāda
12.Baladeva (1725 e. c.) Chintyabhedābheda.[18]

Sendo assim, a corrente Advaita de Shankarāchārya é apenas uma dentre outras correntes vedantinas.

[18] Para conhecer os estudos sobre cada um destes comentários clássicos e cada uma destas interpretações teológicas dos Brahma Sūtras, consultar os estudos abrangentes de: Ghate, 1926; Radhakrishnan, 1960; Sharma, 1971, 1974; 1978 e Hirst, 2006. Somados a estes, podem ser incluídos os inúmeros comentários recentes em inglês por autores contemporâneos.

As Coincidências e as Divergências nas Traduções

Da mesma maneira, cada tradutor confessional pensa que a sua tradução é a mais próxima do original. Às vezes, a tradução de um mesmo verso ou de um mesmo parágrafo da mesma obra é tão diferente da tradução de outro tradutor, que parece que foram traduzidas de versos diferentes. Os textos hindus com mais traduções divergentes são os Vedas. Muito difícil é encontrar a tradução de um verso do Rg Veda, para as línguas contemporâneas, que coincida uma com a outra, por isso alguns pesquisadores alegam que os Vedas são intraduzíveis, uma vez que não é mais possível identificar o significado que aqueles antigos compositores poetas tinham em mente no momento da composição. Observe abaixo as traduções dos três versos, escolhidos ao acaso, do hino X.12 do Rg Veda, e compare as coincidências e as divergências:

Texto Devanāgarī:
ऋतं च सत्यं चाभीद्धात् तपसोऽध्यजायत् ।
ततो रात्र्यजायत ततः समुद्रो अर्णवः ॥ १ ॥
समुद्रादर्णवादधि संवत्सरो अजायत ।
अहोरात्राणि विदधद्विश्वस्य मिषतो वशी ॥ २ ॥
सूर्यचन्द्रमसौ धाता यथापूर्वमकल्पयत् ।
दिवं च पृथिवीं चान्तरिक्षमथो स्वः ॥ ३ ॥

Transliteração:
1.*Rtam cha satyam chābhīddhātat tapasoadhyajāyat*
Tato rātryajāyata tatah samudroarnavah
2.*Samudrādarnavādadhi samvatsaro ajāyata*
Ahorātrāni vidadhadwishwasya mishato vashī
3.*Sūryachandramasau dhātā yathāpūrvamakalpayat*
Divam cha prthivīm chāntarikshamatho swah

A tradução de H. H. Wilson (1850):
1.A verdade (de pensamento) e a veracidade (da fala) nasceram da árdua penitência, daí a noite foi gerada, daí também o oceano das águas.
2.Do oceano das águas foi produzido em seguida o ano, ordenando noites e dias, o governante de cada momento.
3.Dhatri no começo criou o sol e a lua, o céu, a terra, o firmamento e o feliz (céu) (Wilson,1990: vol. VI, 518-9). .

A tradução de Ralph T. H. Griffith (1896):
1.Do Fervor erguido até sua altura, a Lei Eterna e a Verdade nasceram. Daí a noite foi produzida, e daí o dilúvio de mar revolto surgiu.
2.Do mesmo dilúvio de mar revolto, o Ano foi em seguida produzido. Ordenador dos dias noites, Senhor sobre tudo que fecha o olho.

3.Dhātar, o grande Criador, então formou em devida ordem o Sol e a Lua. Ele formou em ordem o Céu e a Terra, as regiões do ar e a luz. (Griffith, 2018: 984).

A tradução de Wendy Doniger (1981):

1.A Ordem e a Verdade nasceram do calor quando ele se ergueu. Dele nasceu a noite, deste calor nasceu o oceano revolto.

2.Do oceano revolto nasceu o ano, que arranjou os dias e as noites, governando tudo que pisca seus olhos.

3.O Organizador colocou em seu lugar apropriado o sol e a lua, o céu e a terra, o reino do meio do espaço e finalmente a luz do sol (Doniger, 1981: 34).

A tradução de Stephanie W. Jamison e Joel P. Brereton (2014):

1.Ambos, a verdade e a realidade nasceram do calor quando ele foi acendido. Disto, a noite nasceu, e deste, o mar ondulante.

2.Do mar ondulante, nasceu o ano, que distribui os dias e as noites e exerce a sua vontade sobre tudo o que pisca (os mortais).

3.O Ordenador arranjou, de acordo com as próprias ordens deles, o sol e a lua, o céu e a terra, o espaço mediano e a luz do sol (Brereton, 2014: 1660).

Abaixo as traduções de algumas palavras importantes, ou seja, como cada tradutor traduziu o mesmo termo ou a mesma expressão:

ऋत – Rta
H. H. Wilson: "verdade de pensamento"
Ralph T. H. Griffith: "Lei Eterna"
Wendy Doniger: "Ordem"
S. Jamison e Joel Brereton: "verdade"

सत्य – Satya
H. H. Wilson: "veracidade da fala"
R. T. H. Griffith: "verdade"
W. Doniger: "verdade"
S. Jamison e J. Brereton: "realidade"

तपस् - Tapas
H. H. Wilson: "árdua penitência"
R. T. H. Griffith: "Fervor"
W. Doniger: "calor"
S. Jamison e J. Brereton: "calor"

समुद्रो अर्णवः – samudro arnavah
H. H. Wilson: "oceano das águas"
R. T. H. Griffith: "dilúvio de mar revolto"
W. Doniger: "oceano revolto"
S. Jamison e J. Brereton: "mar ondulante"

मिषतो वशी – mishato vashī
H. H. Wilson: “governante de cada momento”
R. T. H. Griffith; “Senhor sobre tudo que fecha o olho”
W. Doniger; “governando sobre tudo que pisca”
S. Jamison e J. Brereton: “vontade sobre tudo que pisca”

धाता – Dhātā
H. H. Wilson: “Dhatri”
R. T. H. Griffith: “o grande Criador”
W. Doniger: “Organizador”
S. Jamison e J. Brereton: “Ordenador”

अन्तरिक्ष – antarīksha
H. H. Wilson: “firmamento”
R. T. H. Griffith: “regiões do ar”
W. Doniger: “reino do meio do espaço”
S. Jamison e J. Brereton” “espaço mediano”

Veja também abaixo como as 13 traduções do primeiro verso do Īshāvasya Upanishad podem coincidir ou divergir de um tradutor para outro:

Texto Devanāgarī:
ईशावास्यमिदं सर्वं यत्किंच जगत्यां जगत् ।
तेन त्यक्तेन भुञ्जीथा मा गृधः कस्य स्विद्धनम् ॥ १ ॥

Transliteração:

Îshāvāsyamidam sarvam / yatkincha jagatyām jagat /
tena tyaktena bhunjīthā / mā grdhah kasya swiddhanam // 01 //

Traduções:
“Todo este mundo deve ser envolvido pelo Senhor, qualquer que seja o ser vivo que exista no mundo. Assim você deve comer o que tem sido abandonado; e não cobice a riqueza de alguém”. (Patrick Olivelle)
“Tudo isto, tudo que move sobre a terra, deve ser ocultado no Senhor (Eu). Quando você tiver renunciado a tudo isto, você então poderá desfrutar. Não cobice a riqueza de algum homem”. (F. Max Müller)
“Este universo inteiro é compenetrado pelo Senhor Hari. Ele (o universo) também depende da natureza primordial que, por sua vez, é também compenetrada por Ele (Hari). Somente Ele (Hari) é assim independente. Por esta razão, desfrute de tudo que lhe seja dado por Ele, e não busque riqueza de qualquer outra fonte”. (Shrisha Rao)
“Absorva este universo em Deus e em tudo que vive na terra. Aquele que renuncia, desfruta realmente. Não deseje os bens dos outros”. (Paul Deussen)
“Tudo isto, qualquer coisa que exista neste universo, deve estar encoberto pelo Senhor.

Proteja o Eu pela renúncia. Não deseje o bem de algum homem”. (Swami Nikhilananda)
“Tudo isto é para a habitação do Senhor, tudo que for universo individual de movimento no movimento universal. Com esta renúncia, você deve desfrutar, não deseje a posse de algum homem”. (Sri Aurobindo)
“Tudo que é mutável neste mundo efêmero, tudo isto deve ser envolvido pelo Senhor. Com esta renúncia (do mundo), sustente-se. Não cobice a riqueza de alguém”. (Swami Sarvananda A)
“Tudo que é mutável neste mundo efêmero, tudo isto deve ser visto como compenetrado pelo Senhor. Portanto, desfrute do mundo após renunciar ao desejo por estas coisas efêmeras. Não cobice pelas posses”. (Swami Sarvananda B)
“Contemple o universo na glória de Deus, e tudo que vive e move sobre a terra. Abandonando o transitório, encontre alegria no Eterno, não coloque seu coração nas posses do outro”. (Juan Mascaró)
“Tudo isto deve ser envolvido pelo Senhor (Īshā). Toda coisa movente no mundo móvel. Com esta renúncia, você deve desfrutar. Não cobice a riqueza de alguém de jeito algum”. (R. E. Hume)
“Todo este mundo, e aquilo que é o menor de tudo neste mundo, que o sustenta e o suporta, isto é, o Atman; são Brahman em associação com sua Shakti (manifestada) ou Brahma Shakti em si. Ignorando esta verdade, não se ocupe em ações

por prazeres mundanos; busque sinceramente as beatitudes brahmicas, rejeite a riqueza obtida pelo suor”. (Sri Janardana)
“Tudo isto é compenetrado pelo Senhor, tudo que é móvel e imóvel neste mundo. Com tal renúncia, desfrute (ou proteja). Não cobice a riqueza de alguém”. (Swami Krishnananda)
“O Senhor está situado nos corações de todos. O Senhor é a suprema realidade. Sinta alegria nele através da renúncia. Não cobice. Tudo pertence ao Senhor”. (Eknath Easwaran)
“Tudo isto é habitado por Deus, tudo que move aqui neste universo móvel. Portanto, somente pela renúncia desfrute de todas as coisas. Não cobice o que pertença aos outros”. (V. Jayaram)
“Envolvido pelo Senhor deve estar tudo isto, cada coisa que move na terra. Com esta renúncia, desfrute-se. Não cobice a riqueza de alguém”. (Ralph T. H. Griffith).[19]

O motivo para estas divergências nas traduções está na atribuição de diferentes significados pelos tradutores, uma vez que o significado original da época da composição da obra não é mais possível de ser identificado, ou apontado no meio de tantas traduções distintas. Cada tradutor ou cada interprete confessional

---

[19] Para um amplo estudo de comparação das traduções contemporâneas do texto completo do Īshāvasya Upanishad, ver: Botelho, 2022: 51-67.

alega que a sua tradução ou a sua interpretação é a original. O próprio Guénon escolhia os seus significados e, então, interpretava os textos sagrados conforme a interpretação que encaixava nas suas ideias metafísicas ou nas suas teorias comparativas. Esta dispersão interpretativa é mais um exemplo de como a tradição não é capaz de preservar fielmente a originalidade.

Os poucos exemplos acima se limitaram a mostrar a infidelidade tradicional nas transmissões textuais, redacionais, exegéticas e nas traduções, existem centenas de outros casos. Faltou o tratamento sobre as evoluções nos conceitos religiosos entre as diversas correntes do Hinduísmo, ocorridas ao longo dos séculos. Estas são tantas que Jan Gonda precisou de um livro de 480 páginas, *Change and Continuity in Indian Religion* (Mudança e Continuidade na Religião Indiana), para tratar de apenas algumas poucas e de forma resumida. Portanto, recomendo a leitura deste livro acima como início de pesquisa.

Quando aprofundamos e, por conseguinte, encontramos a enorme quantidade de exemplos de corrupção na transmissão tradicional, ocorrida na religião hindu, o que pode ter acontecido com muitas outras tradições, torna-se difícil acreditar na teoria, sem sustentação documentária e sem evidências confirmáveis, da imutável transmissão de uma Tradição Primordial, por tantos séculos até hoje, pregada por René Guénon. Por isso lhe

desagradava o método histórico. O que ocorreu após a morte de Guénon foi que, cada vez mais nos anos seguintes, os estudos da história, da linguística, da evolução iconográfica, bem como a crítica textual, a arqueologia, a filologia e outras disciplinas históricas, foram capazes de demostrar, independentemente da pregação dos adeptos, a infidelidade da transmissão tradicional, por meio de pesquisas bem documentadas, enquanto a documentação de Guénon, sobre este assunto, é muito pobre e, em muitos casos, nem sequer existe (para aprofundamento, consultar Witzel, 2014: 56-69).

O Desenvolvimento de um Mito a partir de uma Narrativa Seminal

Os mitos são como as criaturas: são gerados, nascem, crescem, atingem a idade adulta e alguns morrem, ou seja, se transformam durante o seu tempo de vida. Mais ainda quando se desenvolvem em ambientes diferentes, assumem característica distintas, por isso as criaturas não são exatamente iguais. Do mesmo modo, um mesmo mito conservado em uma tradição não é rigorosamente o mesmo mito, quando conservado em outra tradição, as alterações e as omissões acontecem. Em regra geral, os mitos e as lendas sofrem desenvolvimento à medida que são transmitidos

oralmente e, mesmo depois de registrados em manuscritos, continuam a sofrer leves alterações. E os mitos hindus não são exceções. A principal prova da ocorrência de mudanças na transmissão dos mitos da Antiguidade está na diferença nos relatos, quando estes foram passados para a forma escrita. Quando comparados, os mitos registrados por escrito apresentam divergências significativas durante a comparação de distintos manuscritos ou dos textos impressos. Não é possível tratar de todos estes casos aqui, trataremos de apenas um exemplo, o mito do Dilúvio no Hinduísmo.

Tal como outros povos da Antiguidade, os hindus também têm um mito do Dilúvio (जलप्लावन – jalaplāvana).[20] Este cresceu a partir de uma curta narrativa seminal, depois foi aumentada e embelezada por outras narrativas registradas no Mahābhārata e nos Purānas. De todas as narrativas, nenhuma é mais significativa do que aquela na qual o deus Vishnu se encarna na forma de um peixe Matsyāvatāra (मत्स्यावतार) para salvar o rei Manu (मनु), os Vedas[21] e os Sete Sábios

---

[20] Palavra composta que combina os termos जल (jala - água) e प्लावन – (plāvana - inundação), portanto, literalmente: inundação de água.

[21] Roubados pelo demônio Hayagrīva, da boca do deus Brahmā, enquanto este último dormia (Bhāgavata Purāna VIII.24.08).

(सप्तर्षिस् – Saptarshis) durante um dilúvio. Os textos que narram este mito são: o Shatapatha Brāhmana I.08, o Mahābhārata III.185 (Edição Crítica), Bhāgavata Purāna VIII.24, Agni Purāna cap. 02, Matsya Purāna cap. 01 e o tardio e suspeito Bhavisya Purāna III.01.04.47-57. Cronologicamente, a narrativa mais antiga e seminal é aquela registrada no Shatapatha Brāhmana I.08.01, cujo núcleo do mito existiu antes do seu desenvolvimento e do seu embelezamento por outras tradições. A semente nuclear do mito é a seguinte:

> “Na manhã, eles trouxeram água para Manu se lavar, exatamente como eles estão acostumados a trazer água para lavar as mãos. Quando ele estava se lavando, um peixe apareceu nas suas mãos” (verso 01).
>
> “Ele (o peixe) falou para ele as seguintes palavras: ‘Cuide de mim, eu te salvarei’. ‘De que você me salvará?’ (perguntou Manu).[22] ‘Um dilúvio destruirá todas estas criaturas, do qual eu te salvarei’ (disse o peixe). ‘Como eu devo cuidar de você?’ (perguntou Manu)” (verso 02).

[22] Os parênteses não estão na tradução inglesa de Julius Eggeling, foram introduzidos aqui para facilitar a compreensão do leitor.

“O peixe disse, ‘Enquanto somos pequenos, existe grande destruição para nós (peixes pequenos): peixe devora peixe. Você primeiro me manterá em uma jarra. Quando eu crescer, você cavará um poço e me manterá nele. Quando eu crescer mais, você me levará para o mar, pois então eu estarei além da destruição’ (de ser devorado)” (verso 03).

“Ele (o peixe) logo se tornou um grande peixe, o maior de todos os peixes. Daí ele disse: ‘em tal e tal um ano, aquele dilúvio virá. Você deve me ouvir (ao meu conselho) preparando uma embarcação; e quando o Dilúvio acontecer, você deve entrar na embarcação e eu te salvarei dele” (verso 04).

“Após ele (Manu) ter cuidado dele (do peixe) daquele modo, ele (Manu) o levou para o mar. E no mesmo ano que o peixe tinha indicado para ele, ele ouviu o conselho do peixe preparando uma embarcação, e quando o dilúvio chegou, ele entrou na embarcação. O peixe então nadou até ele e no seu chifre[23] ele amarrou

---

[23] Neste caso, o peixe tinha chifre. O Agni Purāna II.15 informa que o chifre do peixe tinha um milhão de yojanas de comprimento, ou seja, o equivalente a 12 milhões de km. Este tamanho de chifre corresponde a 31 vezes a distância

> a corda da embarcação, e por esta maneira, ele alcançou rapidamente a maravilhosa montanha do norte" (verso 05). "Ele (o peixe) então disse: 'Eu te salvei. Amarre a embarcação na árvore, mas não deixe a água soltá-la, enquanto você estiver na montanha. Quando a água baixar, você deve gradualmente descer'. Consequentemente, ele gradualmente desceu, e por isso aquela ladeira da montanha do norte é chamada de 'descida de Manu'. O dilúvio então varreu todas estas criaturas, e somente Manu permaneceu lá" (verso 06 – Eggeling, 1993: part I, 216-7 e Dikshitar, 1935: 01-3).

A continuação trata dos descendentes de Manu. Se Manu residisse em cavernas nas entranhas da Terra, tal como a identificação de Manu com o Rei do Mundo subterrâneo, sugerida por Guénon, ele não teria sobrevivido ao dilúvio, uma vez que as cavernas seriam inundadas.

Na ordem cronológica, o primeiro texto a elaborar uma narrativa ampliada, a partir do relato seminal da tradição do Shatapatha Brāhmana, é o capítulo 185 do Vana Parva do Mahābhārata (Edição Crítica). Neste texto, Manu é elogiado

---

da Terra à Lua (384 mil km), ou aproximadamente 1/5 da distância até o planeta Marte, conforme suas orbitas mais próximas (aproximadamente 63 milhões de km).

como um rei, o tigre entre os homens, um grande vidente de grande pujança (III.185.01-5). Observe o que ele praticou para alcançar este estágio: “Este senhor dos homens (Manu) praticou severa e grande auto mortificação na floresta Vishālā, enquanto ele permanecia erguido, em um só pé, com seus braços levantados. Com a cabeça inclinada e os olhos sem piscar, ele praticou impressionantes austeridades por dez mil anos”[24] (Mahābhārata, III.185.01-5 – van Buitenen, 1975: 583). Então, estas foram as práticas de preparação do legislador do Hinduísmo, tão venerado pelo hindus e elogiado por Guénon como o Legislador Primordial e Universal, o Princípio, a Inteligência Cósmica e a Luz Espiritual. Se fosse fato e não mito, uma preparação tão irracional, tal como estas austeridades físicas, só podia resultar naquela legislação tão discriminatória, tão xenofóbica e tão preconceituosa do Manusmrti (Código de Manu). Isto impossibilita muitos de acreditar na existência de uma “Inteligência Cósmica”, e se esta existir, como esta seria diminuta ao ponto de elaborar uma legislação tão étnica e tão provinciana?

Diferente do relato do Shatapatha, nesta versão do mito o peixe (matsya) apareceu

---

[24] E para aumentar a severidade, o Bhāgavata Purāna VIII.24.10 informa que, durante as austeridades, ele sobreviveu apenas do consumo de água.

nadando até a margem do rio Vīrini, a fim de encontrar o rei Manu, quem na ocasião estava praticando austeridades. Esta narrativa do Dilúvio no épico amplia levemente a narrativa do Shatapatha. Os trechos comuns variam em alguns pequenos detalhes. Por exemplo, no Shatapatha, a embarcação é atada a uma árvore na montanha do norte, enquanto que, no Mahābhārata, a embarcação é amarrada ao pico do Himalaia. Por isso, a ladeira na montanha do norte, onde a embarcação encorou, passou a ser chamada de Descida de Manu (Shatapatha Brāhmana, I.08.01.06 – Eggeling, 1993, part I, 218); enquanto que, no relato do Mahābhārata, o pico mais alto do Himalaia é denominado “a Amarração” (Mahābhārata, III.185.45-50 – Van Buitenen, 1975: 585). Também, muito significativo para as tradições religiosas é o fato de que no Shatapatha não é mencionado de qual deus o peixe era a encarnação, já no Mahābhārata (III.185.45-50), o peixe afirma que ele é o próprio deus Brahmā (Senhor das Criaturas), enquanto que, nos Purānas, o peixe (Matsya) é apontado como a encarnação de deus Vishnu (Matsyāvatāra).

Existem as seguintes divergências geográficas nos relatos. Nas narrativas acima do Shatapatha e do Mahābhārata, o rei Manu e os eventos do dilúvio acontecem na região do Himalaia, norte da Índia; no Bhāgavata Purāna (VIII.24.13) e no Agni Purāna (II.4-5), os eventos

acontecem nas margens do rio Krtamālā,[25] no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia; enquanto que, no Matsya Purāna (I.10), os eventos acontecem em torno da montanha Malaya, no estado de Kerala, sul da Índia.

O relato do dilúvio no fraudulento Bhavishya Purāna[26] é uma adaptação hindu do Dilúvio Bíblico. A adaptação começa mesmo no período da criação da humanidade com o casal Adão de Eva. O primeiro é chamado Adama e a segunda Havyavati. O casal é enganado pela serpente demoníaca Kalipurusha e come o fruto da árvore pecaminosa. Adama (Adão) viveu 930 anos, seu filho foi chamado Shwetamana. Ao invés de Elohim e de Jeová na primeira e na segunda narrativas da criação no Gênesis respectivamente, o deus da criação é Vishnu. Noé é conhecido por Nyūha (नयूह) no Bhavishya Purāna e governou por 500 anos, teve três filhos: Sima, Sama e Bhava. O deus Vishnu lhe apareceu

---

[25] G. V. Tagare informou, em uma nota, que o rio Krtamālā corresponde atualmente ao rio Vaigai, no estado de Tamil Nadu, sul da Índia (Tagare, 1987: part III, 1118n), possui 258 km de extensão, nasce na montanha Malaya e atravessa a cidade santa de Madurai.

[26] भविष्य - Bhavishya significa futuro, portanto: Purāna do Futuro, embora os Purānas sejam narrativas de mitos e de eventos do passado. Alguns autores chegaram a traduzi-lo paradoxalmente por "História do Futuro".

em sonho e lhe informou de um iminente dilúvio, solicitando-lhe que construísse uma grande barco. A chuva do dilúvio foi enviada por Indra (deus védico) através da sua nuvem devastadora Sambartaka. Somente as regiões de Vishālā (região da mítica Jambūdwīpa) e de Badarikashrama (no Himalaia) não foram inundadas. O rei Nyūha (Noé) e sua família foram salvos e tudo o mais destruído. Enfim, ao invés de desenvolver a já existente narrativa seminal do dilúvio hindu, tal como fizeram os outros Purānas, o Bhavishya Purāna preferiu adaptar a narrativa do Dilúvio Bíblico para um contexto hindu, o que o transformou em uma narrativa ainda mais distante da narrativa seminal do Shatapatha Brāhmana.

De todas as narrativas do dilúvio, a mais extensa é a do Bhāgavata Purāna. Ela acrescenta alguns detalhes em relação às narrativas anteriores. Por exemplo, acrescenta o episódio do demônio Hayagrīva, o qual roubou os Vedas, que tinham inconscientemente escapado da boca do deus Brahmā, enquanto este dormia sob a influência do Tempo e desejou ir para a cama (VIII.24.08 – Tagare, 1987: part III, 1117). No Shatapatha Brāhmana I.08.01.05 e no Mahābhārata III.185.30-35, é Manu quem constrói o grande barco para sobreviver ao dilúvio, enquanto que, no Bhāgavata VIII.24.33, o grande barco é fornecido pelo Peixe (Matsyāvatāra) já construído. Também, nos dois primeiros textos, o

barco é amarrado com uma corda à montanha Himalaia, já no Bhāgavata VIII.24.36 e no Agni Purāna II.13, o barco é amarrado com a grande serpente Vāsuki, como uma corda. Enfim, tornaria muito extenso mencionar aqui todos os detalhes que diferenciam as narrativas.

O Maior dos Delírios

De todas as ideias delirantes de René Guénon, nenhuma foi mais fantasiosa, para alguns até cômica, do que a sua crença em uma região subterrânea, conhecida por Agartha, habitada por criaturas altamente espiritualizadas, lideradas por um subterrâneo governante mundial conhecido como o Rei do Mundo (Guénon, 1958).

Parece que a primeira obra tratando sobre criaturas espiritualizadas residentes em região subterrânea foi a novela de ficção científica *Vril: The Power of the Coming Race* (Vril: o Poder da Raça Futura) de autoria de Sir Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), um ex-secretário de Estado para as Colônias Britânicas (1858-1859), inicialmente publicada anonimamente em maio de 1871, com o título *The Coming Race* (A Raça Futura). Entretanto, no final de 1871, Bulwer-Lytton veio a ser descoberto como o autor e então as publicações seguintes incluíram o seu nome. Nesta ficção, Vril é o nome de uma energia que dotava as criaturas que a despertavam de poderes

excepcionais, por isso conseguiam sobreviver no subterrâneo. Trata-se da aventura de um jovem que, durante uma exploração, na companhia de um amigo que era engenheiro de minas, caiu em um abismo, devido a um acidente com a corda que o sustentava. Abismo este que terminou em um mundo subterrâneo habitado por criaturas semelhantes a anjos, ou seja, uma avançada civilização subterrânea. Então, o jovem fez amizades e conviveu com estas criaturas excepcionais, e até mesmo se apaixonou pela filha do seu anfitrião.

Apesar de uma novela de ficção científica, muitos esoteristas acreditaram na existência de uma região subterrânea habitada por criaturas altamente espiritualizadas, alegando que Bulwer-Lytton retirou sua inspiração da realidade para criar uma ficção. René Guénon foi um deles, mas não foi o primeiro a escrever sobre esta região subterrânea acreditando na sua existência. Antes dele, o esoterista francês, Alexandre Saint-Yves d'Alveydre (1842-1909), escreveu um livro em 1886, a partir das suas experiências de contato com adeptos orientais, denominado *Mission de L'Inde en Europe* (Missão da Índia na Europa), cuja publicação só aconteceu em 1910, por outro esoterista francês, Gérard Encausse, mais conhecido pelo pseudônimo de Papus. Neste livro, Saint-Yves d'Alveydre revelou a existência de um centro iniciático misterioso designado pelo nome

de Agarttha, localizado nas regiões subterrâneas da Terra. O livro está repleto de transliterações sânscritas ortograficamente incorretas. Algumas décadas depois, o explorador e escritor russo, Ferdinand Ossendowsky (1876-1945), um autor que escreveu muito sobre suas muitas viagens, publicou em 1922, em seu livro *Beasts, Men and Gods* (Bestas, Homens e Deuses), também repleto de transliterações sânscritas incorretas, os relatos sobre o Rei do Mundo e o Reino Subterrâneo (parte V, p. 299s), que ele ouviu dos monges budistas durante a sua visita à Mongólia. Os relatos de Ossendowsky ora concordam ora divergem dos de Saint-Yves d'Alveydre, por serem derivados de fontes distintas. Logo depois, René Guénon tomou estas duas obras e as comentou em seu delirante livro *Le Roi du Monde* (o Rei do Mundo), e através de uma comparação fantasiosa com incontáveis tradições, procurou justificar a existência do Rei do Mundo que reside em Agarttha, isto é, "o mundo subterrâneo que estende suas ramificações por todas as partes, sob os continentes e inclusive sob os oceanos, pelo qual se estabelece comunicações invisíveis entre todas as regiões da Terra" (Guénon, 1958: 08). Mas, isto não foi sempre assim e não será para sempre, pois, segundo Guénon, "o Agarttha não foi sempre subterrâneo e não permanecerá para sempre, virá um tempo quando, segundo as palavras relatadas por Ossendowsky, 'os povos de

Agarttha saltarão de suas cavernas e aparecerão sobre a superfície da Terra'" (Guénon, 1958: 67). Confesso que, quando li este livro pela primeira vez nos anos 1980, tive dificuldade em segurar o riso em alguns trechos, agora imagine quanta maior comicidade encontrará um espeleologista[27] ou um geólogo durante a leitura.

Guénon mencionou, no primeiro capítulo de *Le Roi du Monde* (O rei do Mundo), o livro *Mission de L'Inde en Europe* (Missão da Índia na Europa), de Alexandre Saint-Yves d'Alveydre (Guénon, 1958: 08), mais adiante especificou que Saint-Yves obtivera as informações sobre Agartha "de fonte hindu" (idem: 10). Bem, a população da Índia é formada de 90% de hindus, o Hinduísmo não é uma religião proselitista, mas sim uma religião hereditária. Para ser um hindu é preciso ser filho ou filha de um casal de hindus que pertença a uma das castas do Hinduísmo, portanto, o Hinduísmo não é uma religião missionária, não faz convertidos, de modo que não tem missão a ser cumprida na Europa. Sendo assim, não procede uma *Mission de L'Inde en Europe* (Missão da Índia na Europa), pois os hindus ortodoxos não são missionários. Agora, a inovação está nos Novos Movimentos Religiosos inspirados no Hinduísmo,

---

[27] Especialista no estudo da Espeleologia, a ciência que estuda as cavernas, do grego σπήλαιον - spelaion e do latim spēlaeum, caverna (Sullivan, 1997 e Faulkner, 2008).

estes sim aceitam convertidos: Movimento Hare Krshna, Missão Rāmakrshna, Divine Life Society de Swami Shivānanda, o festivo Isha Yoga Center de Sadhguru, bem como os grupos de seguidores de Ramana Mahārshi, de Swami Yogānanda, de Satya Sai Baba, de Sri Aurobindo, etc. Estas Novas Religiões não seguem o sistema de casta obrigatório nos rigorosos Dharmashastras hindus, por isso qualquer um está apto a praticá-las.

Quando ao "mundo subterrâneo que estende suas ramificações por todas as partes, sob os continentes e inclusive sob os oceanos, pelo qual se estabelece comunicações invisíveis entre todas as regiões da Terra", citado por Guénon, sabemos atualmente que, apesar dos avanços da Espeleologia nas últimas décadas, ainda estamos longe de confirmar esta possibilidade, uma vez que o mais longo sistema de cavernas no mundo é o sistema Mammoth Cave, no estado do Kentucky, EUA. A extensão já mapeada até agora das cavernas e das passagens é de aproximadamente 500 km. Existem mais de 200 cavernas no sistema de cavernas, com cerca de 250 entradas para as cavernas. Mas, isto não é tudo, uma vez que a exploração ainda está em andamento e os espeleologistas afirmam que ainda existem muitas áreas a serem exploradas e mapeadas (Faulkner, 2008: 10). O que é intrigante em um "Rei do Mundo" subterrâneo é a excepcionalidade em

relação aos demais relatos de regiões paradisíacas nos outros mitos pelo mundo afora. Enquanto a preferência dos deuses sempre foi pela superfície ou pelas alturas (Himalaias, Shambala, Monte Olimpo, Monte Kailasa e Monte Meru), o Rei do Mundo, bem ao contrário, preferiu residir no subterrâneo.

O Rei do Mundo

Logo no primeiro parágrafo do segundo capítulo, com base em sua precipitada teoria comparativa e sempre inserindo a sua própria interpretação, Guénon identificou enfaticamente o Rei do Mundo com o mítico progenitor e legislador Manu (मनु), aquele do mito do dilúvio hindu, da seguinte maneira: "o título de 'Rei do Mundo' tomado na mais alta e completa, e ao mesmo tempo, a mais rigorosa acepção, aplica-se com propriedade a Manu, o Legislador primordial e universal. (...) Manu não designa nunca um personagem histórico ou mais ou menos lendário, mas sim, um princípio, a Inteligência Cósmica, que reflete a Luz Espiritual pura e formula a Lei (Dharma) que regula as condições de nosso mundo e de nosso ciclo de existência" (p. 13). Bem, não existe menção, em qualquer dos textos

hindus, de que Manu Vaivaswata (मनु वैवस्वत)[28] (também conhecido por Manu Satyavrata) residiu em um reino subterrâneo, muito pelo contrário, pelos relatos purânicos, ele viveu muito satisfeito com seus pés sobre a superfície da Terra, pois foi um rei. Guénon acreditou que Manu foi o “Legislador Primordial e Universal”, ele foi, segundo a tradição hindu, o revelador do Manusmrti (Código de Manu). Diferente do que Guénon pensou, ele foi sim um personagem mitológico e sua legislação não é universal, pois somente os hindus seguiram as regras prescritas neste livro que, para a sensata cultura contemporânea, é um monstruoso monumento de discriminação, de preconceito, de submissão, de desigualdade, de xenofobia, de misoginia, de servidão, de protecionismo, de privilégios para as castas superiores, de privação de liberdades e de endogamia. Quase tudo no Manusmrti contraria as atuais e universalmente aceitas *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres*, de 1979, assinadas por quase todos os estados membros da ONU. Guénon também defendeu o sistema de

---

[28] Já surgiram sete Manus (progenitores da raça humana), um para cada época (Kalpa). Manu Vaivaswata é o Manu da era atual, o sétimo, mais sete ainda virão, segundo a mitologia hindu.

casta (Guénon, 1945: 216-24 e 2002: 62-7). Ademais, Guénon identificou o Rei do Mundo e o Manu com um princípio, a “Inteligência Cósmica” (p. 13). Sendo assim, esta última só pode ser algo incorpóreo, portanto, qual a viabilidade de uma “Inteligência Cósmica” residir em uma confinada região subterrânea da Terra?

Também, tomado por uma compulsão comparatista, além da comparação com Manu, nos primeiros capítulos de O Rei do Mundo (Le Roi du Monde), ele comparou o Rei do Mundo com outros personagens dos mitos religiosos, ou com personagens históricos que tiveram as suas vidas e os seus ditos mitificados, entretanto, sobre estes tantos personagens religiosos por ele comparados, não encontramos referências, tanto na mitologia como muito menos na história, de que algum deles residia em uma região subterrânea, tal como o Rei do Mundo.

Em seguida, através da sua compulsiva prática de comparar por meio das aparências entre ideias e entre símbolos, pois tudo que aparentava ele associava, sem aprofundamento e sólida documentação verdadeiramente histórica para sustentar, uma vez que suas teorias quase sempre não são documentadas através de fontes seguramente históricas, pois ele preferia as fontes mitológicas e religiosos, ele desencadeia uma porção de comparações, a fim de justificar a associação entre rei e sacerdote, peculiar ao Rei

do Mundo. Entre tantas comparações precipitadas, ele citou os "Reis Magos" (Roi-Mages – p.17). Entretanto, a rigor, estes personagens são citados apenas no Evangelho de Mateus 2.01, através da palavra grega μάγοι (magoi, plural de μάγος - magos; latim: magi, plural de magus), e não é incluída a palavra "Rei". Não é mencionado o seu número, tampouco os seus nomes, tal como a tradição informa. Portanto, o atributo de "Rei" aos Magos do Oriente é um acréscimo posterior por tradutores e por intérpretes, de modo que não existe menção, nesta única citação neste evangelho, de que estes magos eram reis.

Segundo uma nota de Guénon, o Rei do Mundo fez uma aparição no mosteiro de Narabanchi,[29] em 1890 (Guénon, 1958: 67n), ocasião na qual fez a profecia de que "os povos de Aggarti sairão das suas cavernas para a face da Terra" (Idem: 67). E continua: "antes da sua ocultação para o mundo visível, Agarttha teve outro nome, já que este nome de Agarttha, que significa "inatingível", ou "inacessível" (e "inviolável", porque é a morada da Paz, Salém), não lhe era então apropriado. Ossendowski precisa que Agarttha desceu aos subterrâneos há mais de seis mil anos, o que corresponde muito aproximadamente ao início da Kali Yuga, ou a

---

[29] Um mosteiro budista na Mongólia visitado por Ferdinand Ossendowski.

“idade negra”, a “idade do ferro” dos antigos ocidentais...” (idem: 67). Bem, se estes fatos forem verdade e esta profecia acontecer, será curioso assistir estas criaturas, residentes por milênios por debaixo da terra, se adaptarem à vida na superfície com a presença do sol, da chuva, da luz, do raio, da ventania, da neve, da vegetação, do oxigênio em abundância, etc. Se acreditarmos no mito das eras (yugas) dos hindus, a data para a submersão de Agarttha que coincide com o início da Kali Yuga, não é procedente, uma vez que as tradições hindus, registradas nos Purānas, não são unânimes quanto à data do início da Kali Yuga, bem como quanto a sua duração.

Por outro lado, se entendermos esta previsão fantasiosa do ponto de vista científico, segundo os espeleologistas e os biólogos, as criaturas que são capazes de sobreviverem em cavernas escuras (exemplo: o morcego, a cobra branca, o peixe cego da caverna e outros insetos) não desenvolvem a visão, em razão da desnecessidade, devido à escuridão (ver: Sullivan, 1997: 79-132 e Faulkner, 2008: 30-3). Então, se a emersão dos povos de Agarttha acontecer, descobriremos que os seus habitantes não dispõem de visão, de modo que terão de caminhar pela superfície da Terra com uma bengala e um cão guia, bem como com muita proteção contra a luz e o calor do sol. Certamente, eles terão de utilizar protetor solar, chapéu, guarda-sol e

procurar sempre a sombra, provavelmente até mesmo o Rei do Mundo, o que poderá ser uma cena cômica, ao invés de uma emersão gloriosa.

Mais adiante, ele informou que o antigo nome de Agarttha, antes da sua ocultação, era Paradesha, termo sânscrito que ele traduziu por "país supremo", o qual se aplica ao centro espiritual por excelência. Invariavelmente, através de outro surto de compulsão comparatista, pois, para ele, tudo que apenas aparentava podia ser comparado, ele comparou a evolução da palavra Paradesha, afirmando que desta palavra derivou a palavra Pardes dos caldeus e a palavra Paraíso dos ocidentais (p. 72-3). Entretanto, é preciso esclarecer que o antepositivo sânscrito Para (पर) nem sempre significa "supremo". A palavra composta Paradesha (परदेश) é formada das palavras पर (para), que significa "além", "depois", "mais adiante", "estrangeiro", "hostil" e "supremo"; e देश (desha) "região", "país" e "terra", de modo que o significado mais comum de Paradesha é "região estrangeira", "país hostil" e "terra estrangeira", portanto nem sempre a palavra "Para" significa "supremo", de maneira que não é utilizada na literatura sânscrita no sentido de "país supremo", somente na interpretação de Guénon. Daí o substantivo composto परदेशसेविन् (paradeshasevin) que significa "estrangeiro" ou "viajante". Sendo assim, a derivação da palavra

"Paraíso" a partir da palavra "Paradesha" é questionável.

Através de mais um surto de compulsão comparatista, desta vez por meio de uma comparação ainda mais improvável, ele chegou a comparar a energia adormecida de kundalinī, localizada na parte mais inferior da coluna vertebral no corpo humano, segundo os livros de yoga, com o "centro espiritual supremo no mundo subterrâneo" (Guénon, 1958: 66). A rigor, as suas fontes de comparações são sempre mitológicas, lendárias, simbólicas ou especulativas, e nunca fontes históricas seguramente documentadas e comprovadas, uma vez que ele repudiava o "historicismo". De modo que, a sua sustentação de historicidade para os mitos e para as especulações, os quais ele acreditava ser fatos ou personagens reais, durante as suas comparações fantásticas, é sempre outro mito, outro personagem mitológico ou outra especulação. Algo como um mito sustentando a historicidade de outro mito, ou uma especulação sendo fundamentada por outra especulação. Por assim dizer, de certa maneira, é possível reconhecer que a erudição de Guénon é diversificada e, às vezes em alguns pontos, até aprofundada, entretanto sua historicidade é infundada, por se sustentar em mitos, em símbolos e em crenças religiosas, de maneira que a sua obra em geral é uma imensa tentativa de transformar os mitos em fatos, os

personagens mitológicos em personagens reais e as crendices religiosas em ciência, o que ele denominou de “Ciência Sagrada”, em suma: de fantasia em realidade.

Estritamente falando, não existe “Ciência Sagrada”, segundo o rigor da Ciência Contemporânea, pois tudo que a Ciência tenta é se afastar da sacralidade, esta última torna a pesquisa emotiva, e o que a Ciência precisa é ser fria e imparcial. Sacralidade é a supervalorização de algo ou de uma ideia, o que representa uma interferência e uma contaminação durante a frieza do método científico. A metodologia científica não combina com emotividade. Portanto, a denominação mais apropriada para o que Guénon tentou comunicar é “Conhecimento Sagrado” ou, para ser ainda mais preciso com a sua ideia: “Crença Sagrada”, ao invés de “Ciência Sagrada”.

Da mesma maneira que ele admitia que a ciência ocidental é um “saber ignorante”, um leitor científico, após a leitura dos livros de Guénon, aceitará prontamente que o conjunto das suas ideias comparatistas é algo como um “saber delirante”, cuja imaginação sobrepõe a certeza. Pois, pela sua cabeça nunca passou a suspeita de que o conhecimento metafísico poderia ser um conhecimento apenas especulativo e hipotético, conjecturado a fim de suprir a falta de recursos e a inexistência de instrumentos investigativos dos antigos especuladores. Uma de suas alegações,

para a superioridade do conhecimento metafísico sobre o conhecimento científico, é a de que o primeiro é fundamentado em “princípios”, os quais são causas de todas as coisas e de todos os fenômenos no universo, enquanto o segundo é fundamentado na concretude da materialidade, portanto efeito destes “princípios”; sem levar em conta que, com o avanço das pesquisas científicas, o que no passado era considerado um “princípio”, com as subsequentes descobertas e o desenvolvimento do conhecimento, se confirmou depois que estes “princípios” são, na realidade, efeitos de causas mais profundas, as quais não eram conhecidas anteriormente.

Bem, convém parar por aqui, uma vez que o restando do livro O Rei do Mundo (Le Roi du Monde) é uma continuação das mesmas ideias e das mesmas comparações delirantes, tais como as já citadas e comentadas, o que não muda o grau de ficcionalidade das comparações e dos argumentos de René Guénon já mencionados, pois são tantos delírios para serem comentados, que transformaria este estudo em um texto extenso.

Obras consultadas

AIYAR, K. Narayanaswami (tr*.). Thirty Minor Upanishads: Sanskrit text and English Translation.* Delhi: Parimal Publications, 2003.

BELLAH, Robert N. *Religion in Human Evolution: from the Paleolithic to the Axial Age*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2011.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *The Cover-up of the Mentions to the Castes in Bhagavad Gītā*, Electronic Edition, May 2018, DOI: 10.13140/RG.2.2.28966.83527

______________________________(tr.). *Īshāvasya Upanishad: com Texto Devanāgarī, Transliteração, Tradução Comparada, (com decomposição de palavra por palavra), Notas Críticas e Estudos Introdutórios.* Edição Eletrônica, 2022, Segunda Edição Revista e Ampliada, DOI: 10.13140/RG.2.2.31051.87849

BRERETON, Joel P. and Stephanie W. Jamison (trs.).*The Rigveda: The Earliest Religious Poetry of India* (3 volumes). Oxford/New York: Oxford University Press, 2014.

BULWER-LYTTON, Sir Edward. *Vril: The Power of the Coming Race*. Blauvelt: Rudolf Steiner Publications, 1972.

CHACORNAC, Paul. *La Vie Simple de René Guénon*. Paris: Les Éditions Traditionnelles, 1958.

CHAKRAVARTI, Mahadev. *The Concept of Rudra-Śiva Through the Ages*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986.

CHAUBEY, B. B. (ed.). *Āsvalāyana Samhitā of the Rgveda: with Padapātha, Detailed Introduction and Two Indices* (2 volumes). New Delhi: Indira Gandhi National Centre for the Arts, 2009.

COHEN, Signe (ed.). *The Upanisads: A Complete Guide*. London/New York: Routledge, 2018 (Eletronic Edition).

DICKSON, William Rory. René *Guénon and Traditionalism* in *Islamic Sects and Movements*, Muhammad Afzal Upal and Carole M. Cusack (eds.). Leiden/Boston: Brill, 2021, p. 589-611.

DIKSHITAR, Ramachandra. *The Matsya Purana: A Study*. Madras: University of Madras, 1935.

DONIGER, Wendy (tr.). *The Rig Veda: An Anthology*. London: Penguin Books, 1981.

EGGELING, Julius (tr.). *The Satapatha Brāhmana: According to the Text of the Mādhyandina School* (5 parts). Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1993.

ERDOSY, George. *The Indo-Aryans of Ancient South Asia: Language, Material Culture and Ethnicity.* New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1997.

FAULKNER, Rebecca. *Beneath the Surface*. Chicago: Heinemann Library, 2008.

FRAUWALLNER, Eric. *History of Indian Philosophy* (2 volumes). Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1997.

GAMBHIRANANDA, Swami (tr.). *Brahma-sūtra-bhāsya of Sri Śankarāchārya*. Calcutta: Advaita Ashrama, 1983.

GANGADHARAN, N. *The Agni Purāna*, part I. Delhi: Motilal Banarsidass, 1984, p.03-4.

GHATE, V. S. *The Vedānta: a Study of the Brahma-sūtras with the Bhāshyas of Śamkara, Rāmānuja, Nimbārka, Madhwa and Vallabha*. Poona: The Bhandarkar Oriental Research Institute, 1926.

GONDA, Jan. *Change and Continuity in Indian Religion*. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1997.

GRIFFITH, Ralph T. H. (tr.). *Hymns of the Atharvaveda* (2 volumes). New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1985.

____________________ (tr.). *The Rig Veda* (1896). Global Grey, Electronic Edition, 2018.

GUÉNON, René. *La Crise du Monde Moderne*. Paris: Éditions Bossard, 1927.

______________ *Le Roi du Monde*. Paris: Éditions Gallimard, 1958 (1st edition 1927).

______________ *Introduction to the Study of the Hindu Doctrines*. London: Luzac & Co., 1945.

______________ *Orient et Occident*. Paris: Les Éditions de la Maisne, 1987a (1st edition 1924).

______________ *Introduction Générale à L'Etude des Doctrines Hindoues*. Paris: Les Éditions de la Maisnie, 1987b (1st edition: 1921).

______________ *Man and his Becoming According to the Vedānta*. Hillsdale: Sophia Perennis, 2001 (1st French edition 1925).

______________ *Studies in Hinduism*. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 2002 (1st French edition 1966).

HIRST, J. G. Suthren. *Samkara's Advaita Vedānta: a Way of Teaching*. London/New York: RoutledgeCurzon, 2006.

JOSHI, K. L. (ed.). *Matsya Mahāpurāna (An Exhaustive Introduction, Sanskrit Text, English Translation, Scholarly Notes and Index of Verses*), 2 volumes, Delhi: Parimal Publications, 2007.

KEITH, Arthur. B. *The Religion and Philosophy of the Veda and Upanishads* (2 parts). Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1989.

MACDONELL, Arthur Anthony. *A Vedic Reader for Students*. Madras: Oxford University Press, 1976.

OLIVELLE, Patrick. *Unfaithful Transmitters: Philological Criticism and Critical Editions of the Upanisads.* Journal of Indian Philosophy 26, 1998a, pp. 173-87.

________________ (tr.). *The Early Upanisads: Annotated Text and Translation*. Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers/Oxford University Press, 1998b.

OSSENDOWSKY, Ferdinand. *Beasts, Men and Gods*. New York: E. P. Dutton & Company, 1922.

RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. *The Brahma Sutra: The Philosophy of Spiritual Life*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1960.

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004.

SHARMA, B. N. K. *The Brahmasūtras and their Principal Commentaries (a Critical Exposition).* Bombay: Bharatiya Vidya Bhavan, vol. I: 1971; vol. II: 1974 and vol. III: 1978.

SULLIVAN, Nicholas and George W. Moore. *Speleology: Caves and the Cave Environment.* Cave Books: 1997.

TAGARE, Ganesh V. (tr.). *The Bhāgavata Purāna* (5 parts). Delhi: Motilal Banarsidass, 1987.

VADEKAR, R. D. and V. P. Limaye (eds.). *Eighteen Principal Upanisads* (2 volumes). Poona: Vaidika Samsodhana Mandala, 1958.

VAN BUITENEN, J. A. D. (tr.). *The Mahābhārata: 2.The Book of the Assembly Hall and 3.The Book of the Forest.* Chicago/London: The University of Chicago Press, 1975.

WILSON, H. H. (tr.). *Rg-Veda Samhitā* (7 volumes). Delhi: Nag Publishers, 1990.

WITZEL, Michael and Stephanie W. Jamison. *Vedic Hinduism*. Eletronic Edition, 1992.

WITZEL, Michael. *Authochthonous Aryans? The Evidence from Old Indian and Iranian Texts* in

Eletronic Journal of Vedic Studies (EJVS) 7-3, 2001, p. 01-118.

______________ *Textual Criticism in Indology and in European Philology during the 19th and 20th Centuries* in *Eletronic Journal of Vedic Studies (EJVS*), vol. 21, issue 03, 2014, p. 09-91.